

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

GRZYBOWSKI, Cândido . Cândido Grzybowski (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 0min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Cândido Grzybowski  
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Dulce Chaves Pandolfi; Lúcia Lippi Oliveira;

**Levantamento de dados:** Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

**Técnico de gravação:** Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 09/02/2012

**Duração:** 2h 0min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

**Temas:** Acesso à informação; AIDS(doença); Anos 1990; Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; Brasil; Capital estrangeiro; Censos; Chico Mendes; Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; Crises econômicas; Disseminação da informação; Europa; Fórum econômico mundial; Fórum Social Mundial ; França; Fundação Ford; George W. Bush; Globalização; Governo federal; Governo Fernando Collor (1990-1992); Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Herbert de Souza; Igreja Católica; Inflação; Inglaterra; Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas; Internet; Movimentos sociais; Newton Sucupira; Organizações não governamentais; Pesquisa científica e tecnológica; Plano Real; Política científica e tecnológica; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Preso político; Rio de Janeiro (cidade); Rio Grande do Sul;

## *Sumário*

Entrevista 09 de fevereiro de 2012: a relação entre Igreja Católica, International Development Research Centre (IDRC) e o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase); a criação da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) por Herbert José de Souza (Betinho); o início da relação com a Fundação Ford durante o mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e a ida para o Rio Grande do Sul; a volta para o Rio de Janeiro e a prisão no Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI); o contato da Fundação Ford e de Henryane de Chaponay; o processo de ida para França; a volta para o Brasil e a pesquisa na área dos movimentos sociais no campo; a reaproximação da Fundação Ford e de David Goodman; o pós doutorado na Inglaterra; o envolvimento internacional com os movimentos sociais no campo; o processo de ida para o IBASE e a conversa com Betinho sobre sucessão; as comissões avaliadoras do IBASE, a inflação durante o governo Collor e a conversa com Newton Sucupira: a crise no Ibase, a ida para a Europa e o financiamento da Fundação Ford; a campanha com o IBGE sobre questões raciais durante o censo e o apoio de Vânia Santana; o debate na base em torno financiamento da Fundação Ford; a criação do Alternex em 1989 e os debates sobre democratização da informação; os impactos da crise do Plano Real, da Eco-92 e da internet; a criação da Associação Brasileira Organizações Não Governamentais (ABONG) em 1991; a Plataforma Ibase; o apoio institucional na Oxfam Novib e da Evangelischer Entwicklungsdienst (EED); a questão do balanço social das empresas; a relação entre Fundação Ford e inovação; o apoio de Nilcéa Freire durante a crise do Ibase e a relação com Ana Toni; o projeto “Mapas”; a criação do Fórum Social Mundial após o Fórum Econômico Mundial de 2000 e os financiamentos; o início do governo Bush, os impactos e a criação do Comitê de Organização do Fórum; o programa de Democratização da Globalização e a criação do Observatório da Cidadania; as redes internacionais do Ibase; o crescimento no número de ONGs nos anos 1990; o diálogo do Ibase com a Oxfam International e com a Novib; a conversa com Lula antes do Fórum Social Mundial em 2009 durante a crise das ONGs sobre financiamentos pelo governo brasileiro; a ideia de criação de um fundo autônomo.

*Entrevista: 09/02/2012*

L.L. – Bom, muito obrigado, Cândido, de ter vindo aqui participar desse nosso projeto de memória da Fundação Ford, dos 50 anos no Brasil, e hoje é dia 9 de fevereiro de 2012 e estamos aqui com o diretor-geral do Ibase<sup>1</sup> para conversar sobre a relação entre Fundação Ford e Ibase. Antes de a gente entrar concretamente na relação entre Ford e Ibase... Quer dizer, a gente sabe que o Ibase foi criado em 1981. Aliás, segundo o seu livro, funda junto com Carlos Afonso e Marcos Arruda. Que tipo de financiamento existiu nessa época de criação? Quer dizer, uma pergunta que eu tenho: a Igreja Católica estava num dos financiadores da criação do Ibase?

C.G. – Bem no início, a Igreja Católica. Porque o Betinho vinha dessa origem, e o Marcos também. O Carlos que eu não sei se... Acho que não era. Mas eles eram. E o Marcos estava com o Paulo Freire na Suíça e o Betinho estava no Canadá e eles começam a se trocar. Inclusive, a ideia era juntar o Paulo Freire, também, mas só que o Paulo Freire preferiu criar o instituto dele, depois. Mas, no início, eles vieram... O pequeno financiamento que eles tiveram, já chegando, foi dos católicos do Canadá. O nome da instituição, agora eu esqueci, mas, enfim, é uma agência de cooperação que, durante muitos anos, apoiou o Ibase. Ainda de vez em quando aparece. Mas eram financiamentos pequenos, porque era mais da parte de Montreal; não era de todo o Canadá. Eles eram mais baseados nessa parte. E como o Betinho... Nessas relações, daí ele conseguiu isso. E o IDRC<sup>2</sup> também apoiou um pouco. Mas o IDRC é uma agência oficial, digamos assim. Tem duas no Canadá: tem a oficial mesmo, de cooperação, e o IDRC, que é mais voltado à pesquisa e é mais ligado ao Parlamento, e não ao Executivo. E o IDRC também deu os primeiros computadores. Porque o Ibase inova até nisso. Ninguém tinha computador e o Ibase... O Carlos chega com um computador aqui, quando volta do exílio, com um pequeno... Pequeno! Na época, eram uns trambolhos, não é? Mas é um dos primeiros, eu acho, que entram aqui no Brasil.

D.P. – A IDRC ainda existe até hoje, a entidade canadense. E deve ser também a Cida...

---

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

<sup>2</sup> International Development Research Centre

C.G. – A IDRC existe... E se tornou um parceiro grande, depois, do Ibase, num período, nos anos mais recentes, já com a Dulce lá.

D.P. – É um grande parceiro da gente.

C.G. – Mas, na verdade, o Betinho... O Ibase, no início, fez também muito trabalho – com as comunidades de base – com os bispos, a CNBB<sup>3</sup>. Eram os Arns que estavam aí, e aquele outro, o Schneider... o Lorscheiter...

D.P. – Ivo Lorscheiter.

C.G. – Que era o presidente, e muito esquerda. Então, o Betinho, muito ligado a eles. E ele foi estimulado a apresentar um grande projeto para os católicos da Holanda. Na época, o... Enfim, negociaram isso durante um ano e a Cafod<sup>4</sup> decidiu não dar o dinheiro. Não é a Cafod.

D.P. – Como é o nome da...?

C.G. – Na época, o nome dela... Porque ela foi mudando. Ela hoje... A Cafod é inglesa, que também deu. Os católicos foram, muito tempo, importantes. Essa holandesa que era para ser um apoio institucional não deu, e aí entra na história a Novib, que é também da Holanda. Porque, na época, eles estão procurando parceiros no Brasil – a democratização e tal – e decidem... e eles assumem o Projeto Ibase, que foi, até esse último ano, o maior apoio institucional do Ibase.

D.P. – A Novib é ligada ao governo holandês. É uma ONG enorme que depois se liga à Oxfam. Quer dizer, ligada ao governo, não.

---

<sup>3</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

<sup>4</sup> Catholic Overseas Development Agency

C.G. – Mas todas elas.

D.P. – Todas são, não é?

C.G. – Elas recebem fundos da cooperação oficial para repassar aqui [INAUDÍVEL]. É um pouco um esforço de democratizar a cooperação que os governos europeus têm. Isso acontece na Holanda... Acontece um pouco nos países mais do norte. Holanda e Alemanha, em particular, são os maiores que tinham. A Holanda, agora, com o governo conservador, é que deu uma marcha a ré. Mas a Novib, que tinha, na época, a pessoa mais inspirada desse campo da cooperação, o Sjef Theunis – era um homossexual, por sinal, assumido e era o diretor da entidade –, ele veio aqui para apoiar o Ibase, e foi quando largaram aquela bomba no Cebrap<sup>5</sup>, não sei se você lembra, e ele foi... Ele disse: “Ah, eu tenho que ir a São Paulo”. Foi lá dar um cheque de cem mil dólares para o Fernando Henrique, por causa... Para mostrar o apoio. Essa entidade, a Novib, que assumiu o Ibase, ela meio transformou o Ibase na principal entidade da região – não só do Brasil –, em apoio. E durante muito tempo foi isso.

L.L. – Mas você mencionou um tópico aí que tem a ver com... Depois, quando o Betinho cria a Abia<sup>6</sup>, esse braço que, de alguma forma, ele talvez pudesse ter feito dentro do Ibase, mas não fez, cria uma associação paralela, no sentido... Porque ele era o criador de uma e o criador da outra. E, vamos dizer, a importância tanto na criação do Ibase quanto na criação da Abia é muito importante. E a gente sabe, por exemplo, que o primeiro financiamento que a Ford vai dar ao Betinho é à Abia, e não ao Ibase.

C.G. – O Betinho, e não só ele, mas o Carlos e... Tinham um certo... A minha geração, também, tinha um preconceito com coisa americana, não é? E o Betinho só distinguia a Abia e fez questão de ela ser independente porque aí é diferente, aí é uma questão de vida ou morte. Então, ele... Tanto assim que aceitou dinheiro de bicheiro, não esqueçamos disso. [risos] Mas para a Abia; não para o Ibase. O Ibase era a coisa da democracia etc. Então, foi fácil a Ford... Porque a Ford, de fato, passa a apoiar o Ibase a partir de que eu entro lá.

---

<sup>5</sup> Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

<sup>6</sup> Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

H.A. – A partir de 1990.

C.G. – E eu forcei um pouco a barra para aceitar o dinheiro da Ford.

D.P. – Isso é interessante, contar esse debate aí do Ibase.

H.A. – Como é que foi essa conversa?

C.G. – Isso tem a ver com a minha história com a Ford, porque eu também tenho uma história difícil, mas tem momentos importantes. Primeiro, porque eu fui assumido pela Ford já em 1969. Eu casei, jovem estudante, estava ligado à UNE<sup>7</sup> na época e eles criaram um problema lá no sul e nós viemos os dois, recém-casados...

D.P. – Porque Cândido é do Rio Grande do Sul, é do interior do Rio Grande do Sul.

C.G. – Viemos para a PUC<sup>8</sup>, que era... Tinham dois mestrados possíveis: um em São Paulo, aquela escola conservadora de sociologia, e esse mestrado em educação. Nós preferimos aqui. Mas viemos com uma mão na frente e outra atrás: com dinheiro emprestado, aquelas coisas. Daí a gente trabalhava, de fato, na biblioteca de noite e, durante o dia, estudava. Só que a Ford desenvolveu um programa de apoiar faculdades de educação para formar professores pelo país afora. E, entre elas, caiu a faculdade onde a gente se formou, que era lá em Ijuí, no Rio Grande do Sul. E, em uma vinda do diretor lá da escola aqui, nos apresentou para a Eva Van Ditermann, que era a responsável na Ford na época. Não sei se era de toda a Ford, mas, enfim...

D.P. – Como é o nome dela?

C.G. – Eva Van Ditermann, uma holandesa que foi... Não sei se era só a responsável de alguns programas. Mas eles estavam incentivado muito a coisa de qualificar professores. Aí, nós

---

<sup>7</sup> União Nacional dos Estudantes

<sup>8</sup> Pontifícia Universidade Católica

fazendo o mestrado, ela sugeriu que parte do dinheiro fosse para nos apoiar, porque a gente devia estudar, e não trabalhar. E daí a gente deixou o emprego.

D.P. – Essa biblioteca que vocês trabalhavam era o quê?

C.G. – Era da PUC mesmo.

D.P. – Da própria PUC?

C.G. – À noite. Depois das cinco, a gente entrava lá e, até às dez da noite, a gente trabalhava lá.

D.P. – Ficava como bibliotecário lá, fazendo...?

C.G. – É. A Lourdes no atendimento e eu buscando os livros lá em cima. Porque eu tinha já feito o trabalho de bibliotecário, quando eu estudei no Rio Grande do Sul.

L.L. – Isso PUC do Rio?

C.G. – PUC do Rio. Eu fiz mestrado aí. Bom, daí tivemos essa bolsa, que nos permitiu tanto se aproximar da Eva, que era da Ford... Mas aí era uma relação muito pessoal; não era muito Ford. Mas aí a Eva disse: “Por que você não pega um financiamento para a fazer a tua dissertação?”. Bom, preparei um projeto e eles me deram, durante dois anos, um financiamento. Eu fui bolsista deles. Isso... Eu voltei ao sul, porque aqui começa a se radicalizar o movimento – e nós, um caszinho jovem com um apartamento, virou um aparelho, não é? Aí nós fomos embora, porque eu não queria entrar na clandestinidade. E daí voltamos para o sul, e fomos lá no interior, em Ijuí, voltamos para lá – é a terra da minha mulher –, nessa faculdade inclusive, e ficamos ligados lá.

D.P. – Isso vocês tinham acabado o mestrado então? Já tinham feito a tese?

C.G. – Eu tinha feito os créditos.



D.P. – Sim. Mas a tese...

C.G. – Eu fui fazer minha pesquisa, usando esse argumento da pesquisa... Eu estou um pouco na origem do Movimento dos Sem Terra lá, porque o Adão Preto, aquele deputado que faleceu há pouco tempo, que foi do movimento, o Adão Preto foi minha base lá. Mas eu estava fazendo, na realidade, a minha tese, a minha dissertação.

D.P. – Que era sobre o movimento social no campo, não é?

C.G. – Eu tinha um financiamento autônomo que me deixava... E eu um pouco usava isso para poder ir e encontrar as pessoas. Mas se tornou feio, porque aquela zona na fronteira lá está cheia de exército brasileiro. Aí um coronel lá de Ijuí começou a me incomodar e a gente decidiu voltar para o Rio. Porque na época não tinha computador ainda e não tinham comunicação muito fácil. Mas, quando cheguei aqui, eu fui preso. Aí tem outra história difícil com a Ford. Porque eu fui preso, fui no DOI-Codi e aquelas coisas todas e fui solto. E um troço meio esquisito: eu tinha que comparecer a cada tanto para eles. E depois o inquérito foi transferido para uma unidade do exército em Petrópolis, aí eu tinha que ir lá me apresentar e tal. Mas, nesse período assim confuso... Porque eu cheguei aqui e fui preso. Eu fui preso no dia que cheguei. Eu caí numa casa que eu queria parar até encontrar um apartamento e estava a polícia dentro. E daí, explicar o que era... Eles me caracterizaram como responsável da Regional Sul do movimento. Eu nem sabia o que era isso. Mas, enfim... Porque eu tinha muita conexão, e eles estavam prendendo gente na PUC, e eu tinha estudado na PUC; estavam prendendo gente... Enfim, era um monte de...

L.L. – Você não sabia por que você estava sendo preso, mas eles sabiam por que estavam prendendo você. É brincadeira.

C.G. – Mas aí eu sou chamado pela Ford, nesse contexto, acho que uma semana ou duas depois que eu fui preso, e eu vou lá e eles dizem: “Nós podemos te botar imediatamente fora”. Eu digo: “Mas como é que vocês sabem que eu fui preso?”. “A embaixada nos avisou que um bolsista nosso foi preso e para a gente se cuidar e não sei o quê.” Aí é que eu me apavorei. Eu

digo: “A embaixada já sabe, eles já...” Vê a informação como circulou, não é? Aí que eu decidi... Bom, eu estava meio sem emprego, aquelas coisas, trabalhei um pouquinho na Fase, sem os documentos, e vim aqui na Fundação. Porque eu trabalhei aqui. Eu entrei aqui numa pesquisa, porque aqui não exigiam o tal documento. E o processo seguindo lá. Mas eu, com a Ford, eu digo: “Não, não vou; não sei inglês”. E eles: “Não, você vai ter, você e a esposa e as filhas” – eu tenho duas filhas –, “Vocês vão ter um tempo para se preparar, e daí faz um doutorado lá”. Eu digo: “Mas isso é uma imposição, num certo sentido. O que significa isso?”. Eu me apavorei. Daí eu escrevi para o Comitê Católico – daí eu, também, as minhas relações –, a Henryane. Porque aí a Henryane me adota. Eu digo: “Henryane, está esse problema, a Ford...”.

D.P. – Henryane é uma francesa que tem um papel importantíssimo...

C.G. – Ligada ao Comité Catholique da França, de cooperação.

D.P. – Tem um papel importantíssimo. É uma francesa...

L.L. – Foi bom esclarecer, porque senão depois a gente vai falar: “Ligou para quem? Quem falou?”.

D.P. – Para a Henryane.

C.G. – Henryane de Chaponay.

D.P. – Ela mora até hoje na França. Henryane de Chaponay. E ela depois se liga ao mundo das ONGs. É uma francesa que tem...

C.G. – É prima do rei da Bélgica. Ela é nobre.

D.P. – É uma francesa que tem recursos e resolveu...

C.G. – E desde a Segunda Guerra ela tem uma história com movimentos – no Marrocos, em particular.

D.P. – Tem uma entrevista com ela na revista do Ibase.

C.G. – Bom, eu escrevi para ela, disse: “Escuta, eu não sei o que fazer, mas eu não posso ficar aqui”.

D.P. – Agora, só um parêntese, por que você já conhecia a Henryane, por conta de quê?

C.G. – Por causa do... Eles me localizaram fazendo esse trabalho lá no sul, e daí quiseram... A Henryane disse: “Vamos encontrar vocês todos”, e daí pegou...

D.P. – Mas como é que você conhecia a Henryane? É isso que eu não estou entendendo.

C.G. – Eu fui chamado. Quem eu conhecia era a Bia Costa, que foi minha colega do mestrado, e ela estava no Nova, e o Nova foi contratado pela Henryane para juntar as pessoas que faziam trabalho não armado de resistência ao regime.

D.P. – Quer dizer, a Henryane já estava atuando no Brasil, nessa coisa dos exilados...

C.G. – E financiou um encontro nosso em São Paulo, em 1972.

D.P. – Porque a Henryane vai ter um papel importante, até que junta com o dos exilados brasileiros, também, que estão fora: ela atuou muito junto da irmã do Arraes – a irmã do Arraes que eu entrevistei com a Alzira [Alves de Abreu], até uma entrevista bem interessante –, e eles vão ter um papel muito importante montando essa coisa do Brasil. Então, deve ter sido nesse contexto que ela também te mapeia, não é, Cândido? Então, deve ter sido nisso. Quer dizer, os brasileiros que estão aqui...

C.G. – Eu não conhecia ninguém. Eu fui a São Paulo, num convento, a gente se encontrou, umas 40 pessoas, e eram todos fazendo a opção não armada, digamos assim, de resistência e

organizando grupos. E do sul era eu e tinha um do Paraná, que era um padre, por sinal, do Paraná, da Assessor, lá no oeste.

D.P. – Como é o nome dele?

C.G. – O padre? Eu não me lembro, não.

D.P. – Mas ele é dessa região que você falou?

C.G. – Era dessa...

D.P. – Como é o nome da região?

C.G. – Em Francisco Beltrão, ele estava. Assessor é a entidade, que até eu apresentei para a Ford depois. A Assessor recebeu um financiamento nos anos 80. Eu levei o David Goodman conhecer o que tinha sido minha base, porque ele estava representando a Ford nos anos 80 aqui, e daí fomos na Assessor e dormimos lá, e ele acabou financiando a Assessor. A Assessor existe... É dessas coisas... É do tempo da Fase. Deve ter uns 50 anos hoje, porque é dos anos do MEB<sup>9</sup>, dessas coisas.

D.P. – Anos 60.

C.G. – Anos 60. Então, lá existia a Assessor. Aí nos juntam: juntam o Ceas, da Bahia... Junta gente diversa. A Letícia Cotrim, eu conheci aí, que depois estava no Ibase, não é? Então, eu conheci a Henryane assim. E eu escrevi para ela e ela disse: “Vem para cá que a gente dá um jeito”. E daí, bom, aquela história de conseguir sair daqui. A gente acabou saindo em 1975.

H.A. – Mas espera aí, “Vem para cá”...

D.P. – “Vem para cá”, é França. Vem para cá para Paris.

---

<sup>9</sup> Movimento de Educação de Base

H.A. – Para a França.

C.G. – É, para Paris.

H.A. – Então, você preferiu não ir para onde a Ford estava te oferecendo.

C.G. – Ah, sim. Para mim era uma questão... Eu fiquei apavorado com aquilo lá. Eu digo: “Ih! Já estão me mapeando, não só a polícia, agora já vêm os...”. Volta o fantasma do imperialismo etc., aquelas coisas, não é? É claro que depois eu vi que eles estavam com uma política de proteger presos políticos.

H.A. – Mas você ficou desconfiado.

C.G. – Na época, eu fiquei desconfiadíssimo. Eu descobri depois, porque... Aquelas coisas do Chile, que eles tiraram vários presos, perseguidos. Era uma decisão da Ford. Eles ainda talvez não tinham, ali, uma... Porque, depois, eu acho que eles avançaram mais na compreensão da coisa. Mas, na época, eles tinham decidido proteger perseguidos no Brasil. Mas tinha esse problema.

D.P. – Quer dizer, você rejeitou o apoio da Ford. Então, vocês não aceitaram o apoio da Ford...

L.L. – O apoio da Ford para...

C.G. – Naquele contexto.

D.P. – Para ir para o exterior. No primeiro momento, aceitou, é claro, mas nesse segundo, você ficou apavorado. E você falou o quê? O que você disse para eles?

C.G. – Eu nem conhecia mais as pessoas. Já tinham mudado. Eles mudam, um período. E me chamaram. Eles me localizaram aqui no Rio. E eu não tinha dado o endereço para eles. Você vê? Parecia um troço mesmo de espionagem.

D.P. – Mas você deu alguma resposta para Ford ou ficou só dando uma de...?

C.G. – Eu disse que não sabia inglês. Eles disseram: “Não, a gente... Vai já!”. Mas eu dizia: “E o passaporte?”. “Isso a embaixada resolve.” Bem assim, não é? “Vai embora já!” E eu disse: “Não, não, não vou”. E aí eu... Eu digo: “Bom, deixa eu pensar”. Mas, na verdade, imediatamente, escrevi para a Henryane.

D.P. – Quer dizer que a Ford ajudou ele... [risos] Por outros caminhos, foi embora.

C.G. – É.

L.L. – Mas aí, então, você vai para fora. E quando você volta...

C.G. – E eu volto. Quando eu volto, eu volto e aí...

H.A. – Ficou quantos anos na França?

C.G. – Eu fiquei até 1979. Quer dizer, no final de 1978, eu voltei, já o processo tinha sido... Foi inocentado todo mundo.

H.A. – Você foi em 1972?

C.G. – Eu fui em 1975. Mas eu voltei ainda para defender a tese lá, em 1979. E eu voltei para cá, para a Fundação<sup>10</sup>. E aí, aqui tinha dois cursos, tinha o Iesae<sup>11</sup> e tinha o CPDA, que era... E eu me liguei aos dois, porque o tema meu, na verdade, é mais... Era de movimentos sociais, e era a época dos grandes movimentos sociais no campo surgindo, lutas e tal. Aí me convidaram lá. E como eu já era da Fundação... Então, eu estava nos dois. Mas é que a Fundação decidiu tirá-lo, ou acabar com o CPDA. Aí houve a negociação com a universidade e eu acabei indo

---

<sup>10</sup> Fundação Getulio Vargas

<sup>11</sup> Instituto Superior de Estudos Avançados em Educação

junto. Mas eu fiquei... Fui o único que fiquei na Fundação, porque eu estava lotado, de fato, no Iesae.

D.P. – Aí você vai para o CPDA também, quando se desliga?

C.G. – Na universidade.

D.P. – Na Universidade Rural.

C.G. – É. Até hoje está lá, ainda.

D.P. – Porque o CPDA sai, é aquele movimento... A gente já estava aqui e a gente assistiu. Tinha o Horácio, o Nelson Delgado, a Margarida Moura – lembra?

C.G. – É. E eu acabei... Mas, ao me ligar ao CPDA, eu me reaproximo da Ford de novo, porque o David Goodman era interessado nas questões dos movimentos, e foi lá no CPDA que eu o encontrei. E a gente se torna muito amigo do David Goodman.

D.P. – E ele era o que da Ford?

C.G. – Ele era o responsável da Ford aqui, o representante. Eu não sei quantos anos ele ficou, mas acho que ele ficou uns quatro ou seis. Eu não sei qual é o período deles. Mas esses anos, 1982 e 1983, ele acabou financiando a Lourdes [????] para fazer audiovisual dos movimentos sociais. Porque na época se fazia *slides*. Ainda não tinha...

D.P. – Lourdes é a esposa do Cândido. É daqui da...

C.G. – É, Lourdes é minha esposa. Ele financiou... Ela era fotógrafa, então, ele financiou para fazer isso. E a gente se aproximou. E ele acabou fazendo uma viagem comigo. Ele foi, dessas figuras dessa época... Aí é uma nova relação. Já estamos em... o regime mudando. Mas ele queria ver movimentos para financiar. Eu digo: “Olha, eu estou pesquisando, então, vamos juntos”. Ele disse: “Vamos!”. Ele pegou a mulher, também, e nós fomos os quatro. E nós fomos

a Curitiba e fomos lá para o oeste, em Medianeira, que tinha aquele troço contra Itaipu que dá origem ao Movimento dos Sem Terra, tinha ocupações, e fomos lá todo o oeste. Em Santa Catarina, nós entramos e fomos ao norte do Rio Grande do Sul, em Ronda Alta, que é a origem principal do Movimento dos Sem Terra, os lugares que eu estava pesquisando, mesmo. E daí a gente seguiu. Eu estava apoiado pelo CNPq<sup>12</sup> nessa época. Aqui no Iesae, com o apoio do CNPq. E o David [Goodman] seguindo. E ele foi financiando vários lá.

D.P. – Aí ele já financia...? A Ford financia alguns movimentos ali locais? É isso que você está falando?

C.G. – Alguns não tinham entidade, daí era complicado. Para eles é um problema, como financiar assim. Pode financiar bolsista etc., mas o projeto individual... Eles tinham esse problema. Ele financiou a Assessorar, ele financiou a Ijuí de novo, ele volta a financiar...

D.P. – A Ijuí?

C.G. –É. Mas os sem terra, nós fomos lá a Ronda Alta, fomos lá na casa do padre... Não tinha onde dormir lá, é uma cidadezinha muito pequena. E, é claro, todo mundo fica um pouco espantado, um gringo junto, não é? [INAUDÍVEL] é complicado. Aí, como eles tinham confiança em mim já, enorme, aí a coisa facilitou. Mas como apoiar os sem terra? Não tinha... Não tem entidade, não é? Então, ele apoiou a Lourdes para fazer então um áudio para eles, para fazer o vídeo... O vídeo... Esses *slides* que tem sobre Ronda Alta que eles tinham, é o que a Lourdes fez, em conjunto, não é?

H.A. – E aí você contava para ele essa história de te oferecerem? Devia ser engraçado, não é?

C.G. – Eu contei para ele. Mas ele era um inglês, então, já... O David acabou me levando para a Inglaterra. Eu fui fazer um pós-doutorado lá. Porque ele voltou, e insistindo para eu ir lá para a gente fazer alguma coisa juntos. Daí, em 1987 eu fui para lá. Porque, na verdade, o meu pós-

---

<sup>12</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



doutorado foi a minha... Eu já conhecia um pouco o exterior, mas foi como eu me internacionalizar como militante, vamos dizer assim, num plano mais mundial.

H.A. – E foi bolsa individual da Ford então?

C.G. – Não. Essa para ir, foi o CNPq que me apoiou.

H.A. – Ah, o CNPq. O David te levou no sentido de te indicar.

C.G. – O David me indicou lá para eu fazer, no Instituto de Estudos Latino-Americanos e na Universidade de Londres. Eu estava em dois lugares lá. E tinha uma sala. Eu era tratado um pouco como professor lá. E não tinha nada. Eu estava livre. Então, eu fiz um escarcéu naquele ano. A Lourdes que diz que eu... Eu vivi viajando, aquele ano lá.

D.P. – Mas Lourdes foi com você? As meninas, tudo?

C.G. – Foi. A Lourdes e as meninas. Para as meninas foi ótimo aprender inglês, e para a Lu foi difícil porque não tinha o que fazer lá.

D.P. – Você ficou um ano lá?

C.G. – Eu fiquei um ano.

D.P. – Então, você estava de... Quer dizer, você estava na Fundação, trabalhando na Fundação e conseguiu essa bolsa...

C.G. – E a Fundação me deixou ir por um ano.

D.P. – Fazer esse pós-doutorado.

C.G. – O pós-doutorado.

D.P. – Cândido, o seu doutorado foi aonde?

C.G. – Em Paris, na Sorbonne.

D.P. – Na Sorbonne. É quando você faz o trabalho sobre movimentos sociais no campo?

C.G. – É mais ou menos. É a formação... Eu queria entender minha origem, como é que uma família de poloneses vai acabar lá no Rio Grande do Sul. Então, eu estudei a formação da estrutura agrária do Rio Grande do Sul, na minha tese, e eu defendi em 1979. Mas aí a gente foi estudar, de fato... Eu propus ao David a gente estudar a globalização. Ainda não se falava assim. Apenas se começava. Mas estava o Gatt ainda. Porque eu fui envolvido na negociação de resistência ao Gatt, à OMC<sup>13</sup>, que vira depois. Em 1987, vê! E daí que eu estou na criação do Instituto... do IATP. Eu me internalizo total. Porque eu fui para Londres e, na verdade, eu fui num tribunal em Berlim contra a política agrícola comum; depois acompanhei o Chico Mendes em Londres – ele foi lá porque ganhou um prêmio Global não sei o que de Meio Ambiente. Ele estava lá, enfim, e daí a gente acompanhou em [INAUDÍVEL], ele apresentando a causa dos seringueiros. Então, tinha uma mistura de coisas que eu fiz. E fui nas coisas de Genebra contra o Gatt, contra as negociações da Rodada do Uruguai, que deu na OMC. E me envolvi muito, porque isso depois rendeu. Eu voltei aqui, eu fiquei correndo aonde tinha reuniões contra isso, e entrei no *board*, na criação do IATP (Institute for Agriculture and Trade Policy), de Minneapolis, do Mark Ritchie. Até o ano passado que eu deixei, depois de tanto...

D.P. – Porque essas entidades todas têm esse *board* que junta várias pessoas.

C.G. – E isso tudo eu acabo trazendo para o Ibase depois, essa agenda mais... Porque o Ibase não tinha uma agenda muito para fora, até 1990. Mas, é claro, eu estou na volta do Ibase desde que eu voltei. Porque o grupo que eu criei de estudo de movimentos sociais, em 1981 e 1982 – e aí o David deu uma pequena ajuda para nós –, a gente não tinha aonde ir...

D.P. – Eles criaram um grupo de estudos dos movimentos sociais aqui no Brasil.

---

<sup>13</sup> Organização Mundial do Comércio

C.G. – A Regina Novaes, estava gente da Federal, da Fluminense, do CPDA... Nós estávamos um grupo de uns dez ou doze. E a gente conseguiu uma sala no Ibase. Eu não era do Ibase, mas na volta... Eu conhecia o Betinho, conhecia o Marcos, que era meu colega aqui, também – o Marcos estava no Ibase e no Iesae.

D.P. – E a Ford financiou esse grupo?

C.G. – Esse grupinho, um pouco, algumas coisas que a gente fez. A gente fez alguns encontros e tal e a Ford... Pequenas coisas. Coisas do orçamento do David lá. Porque eles têm uma certa folga. O representante pode dar.

D.P. – Então, você começa a frequentar o Ibase, mas sem ser do Ibase, ainda trabalhando aqui na Fundação.

C.G. – Sem ser do Ibase. Eu trabalhava aqui. E, é claro, fiz algum estudo que o Betinho me pediu, sobre a dívida externa, por exemplo. Algumas coisas. Mas isso me valeu essa... Eu ia nos grupos de conjuntura, no Ibase, que eu gostava muito, por sinal.

D.P. – O Ibase, mensalmente, tinha a reunião que se chamava Análise de Conjuntura, que iam as pessoas as mais variadas. O Betinho comandava esse negócio, que era interessantíssimo. Eu também conheci o Ibase aí. E então se discutia a conjuntura brasileira, à noite, numa...

C.G. – E era um grupo não... Vamos dizer, havia pouca gente de dentro.

D.P. – É. Era mais gente de fora.

C.G. – A maior parte era gente de fora que se encontrava lá, e era uma noitada. Era a terceira quarta-feira de cada mês.

L.L. – E é aí que você vai ser pescado pelo Ibase?

C.G. – É aí que eu vou ser pescado.

L.L. – Você vai atrás do Ibase ou o Ibase vem atrás de você?

C.G. – É o Ibase que vem atrás de mim. Eu estava, de fato, muito irritado aqui na Fundação. Primeiro, porque eu via que ia acabar o curso. Eu propunha aos colegas de a gente dar um salto de qualidade. Eu conhecia muita relação fora e eu disse: “Nós conseguimos financiar isso. Nós temos que montar um doutorado”. “Ah, não. Não vale a pena”. Aí eu digo: “Bom, aqui, então, não vale a pena continuar. Eu não vou me enterrar aqui nesse troço”. De fato, eu estava procurando coisa para mim, mas não tinha pensado no Ibase. Eu estava até pensando em criar alguma coisa, um pouco aproveitar essas minhas relações. E daí estava um pouco assim, aí o Betinho... Houve uma avaliação da Novib impondo que tivesse alguém para dar continuidade ao Ibase.

D.P. – Porque, a essa altura, já se sabia que o Betinho estava com Aids.

C.G. – Foi mais ou menos nesse período que se cria a Abia, que... E o papo sério com o Betinho foi assim: “Eu vou morrer, não sei quando, porque os meus irmãos já morreram, mas posso viver muito tempo. Eu quero, mas não sei. Enfim, o fato é que tem um projeto aqui que não pode acabar”. E é gozado porque ele me disse que tinha duas pessoas: era ou eu ou... Sabe quem? Que foi ministro do Fernando Henrique.

D.P. – O Sérgio?

C.G. – Não. Foi ministro...

D.P. – Paulo Renato?

C.G. – Não. Foi ministro da Cultura.

H.A. – Francisco Weffort?

C.G. – Francisco Weffort. Porque os dois escreviam sobre democracia. Então, ele disse: “Ou o Weffort ou você”. O Weffort estava no PT<sup>14</sup> nessa época, ainda.

L.L. – Mas é interessante. Quer dizer que, no fundo, ele organizou a sua sucessão, ele fez seu testamento. Porque ao escolher a pessoa que deveria ocupar...

D.P. – O Betinho fez. Agora, só um parêntese, Cândido...

C.G. – E ele queria que eu fosse, não é?

D.P. – Tem uma coisa interessante, porque, por exemplo, no caso do Ibase, a Novib exigia, ou o Ibase concordava, de fazer essas avaliações, que é um negócio muito interessante. De tempos em tempos, de três em três anos mais ou menos, tem um processo de avaliação: são chamadas pessoas para avaliar a instituição.

C.G. – Externa.

D.P. – Externa. É muito interessante. Eu participei de algumas já...

C.G. – E a primeira avaliação é essa em 1988, em que a comissão é: o Sebastião Soares; o Jean-Pierre Leroy, da Fase; e um chileno. Eles são uma comissão e eles são... A Novib decide dar um apoio de cinco anos sem programa, mas a condição era produzir o programa nesse período e resolver o problema da direção.

D.P. – Entendeu? Eles indicam isso.

C.G. – E eles passam a seguir, essa comissão, durante... Eu entrei lá... Tem uma comissão que acompanha, externa, que eram esses três, que vinham a cada quatro meses lá no Ibase. Eles tinham financiamento para isso e vinham olhar o que estava acontecendo. E foram o meu maior apoio lá, quando eu entrei. A Novib, eu não conhecia muito. Foi aí que eu conheço. Mas eu...

---

<sup>14</sup> Partido dos Trabalhadores

Nós caímos... Eu entrei no dia 1º de março e, dia 15 de março, veio o Plano Collor. Aí desmorona o financiamento do Ibase. Porque, na verdade – essas coisas, hoje, dá para falar –, era tudo meio caixa dois, no sentido de que se fazia troca no câmbio negro. Então, boa parte não entrava em contabilidade, e isso preocupava a Novib. Porque entrava o que vinha via banco, remessas etc., mas havia às vezes cheque. Inclusive, o Betinho tinha um... A Campanha da Reforma Agrária é um livrão assim, e dentro, cheio de dólar. Tinha dólar. Quando precisava de dinheiro, ele tirava de lá. Eu digo: “Mas esse o que é, Betinho?”. “Não, esse é um outro programa.” O Betinho tinha várias frentes, não é? Esse era um outro ainda, nem estava... Estava no Ibase e não estava no Ibase. Mas o Plano... O Collor desmonta isso, porque o controle de moeda, tudo isso desmontou tudo: o dólar vira... Ele passa a controlar, ele vira um frangalho, porque a inflação naquele mês foi 70% e a valorização foi só 40, então... O fato é que as entidades ficaram sem dinheiro. E aí eu disse: “Bom, Betinho, dá tempo para eu voltar. Eu tenho licença”. Eu pedi licença de um ano. Eu ia pedir demissão aqui...

D.P. – Da Fundação. Aí você diz ao Betinho: “Dá tempo de voltar para a Fundação”. Você achou que o Ibase ia acabar.

C.G. – O pai do João Sucupira chega e me diz: “Não faz isso”.

D.P. – O pai do João Sucupira é o Newton Sucupira.

C.G. – O Newton Sucupira, esse conservador, chegou e me disse: “Cândido, olha, para o seu bem, não faz isso. Pede uma licença. Se não dá certo lá, onde é que você vai? E você tem família”. Eu digo: “Então está bom”. Pedi licença sem vencimentos. E depois ele que negociou a minha saída daqui. Ele um dia me chamou e disse que podia negociar... Que eles iam me pagar, que a Fundação ia me pagar. Porque estava fechando o Iesae. Mas eu saí antes de ele fechar. Então, fui para lá.

D.P. – Quando teve o Plano Collor, aí você achou que não dava mais para o Ibase continuar. Foi mais ou menos isso?

C.G. – Eu achei que ia fechar. Isso foi uma pergunta minha: “Mas e o financiamento, como é que está?”. “Não, isso está tranquilo durante anos. Tem o apoio de cinco anos da Novib, vamos renovar”, aquelas coisas. Tranquilo nada! Era uma confusão só. Daí, o que eu tinha que fazer? Buscar alternativas. A Ford aparece nesse pedaço. A Ford, e eu fui para a Europa. Eu não conhecia a maioria dessas agências. Porque a minha relação é mais de ordem política, com redes, grupos. Aí eu fiz um roteiro... Me convidaram para um desses... Essas coisas que eu ia, eu continuei fazendo isso. Mesmo aqui eu fazia, na Fundação. Um encontro desses do Gatt, eu digo: “Bom, me paga a passagem... O Ibase não tem dinheiro, me paga, eu vou”. E aí eu, de trem – eu dormia as noites no trem –, fiz todo o roteiro de agências imagináveis e possíveis na Europa para apoiar o Ibase. E daí, é claro, eu acabei criando relação com essas agências. Eu estive na Novib, estive na Holanda, e todos deram apoio emergencial ao Ibase: na Alemanha... Fui às agências. Eu não conhecia as pessoas, mas fui em todas. Eu conhecia o Comitê Católico, porque eu tinha relação na França, mas eu fui a um monte. Bom, o Ibase, resultado disso, teve mais de 40 entidades apoiando o Ibase, em função da crise. A crise que me provocou ir. Mas a Ford... E aí há o debate no Ibase sobre pegar dinheiro da Ford: porque sim; porque não. E estava na Ford o Christopher Welna, nessa época, que se tornou um grande amigo meu, também, e para ele era importantíssimo financiar o Ibase. Até eu vi que era mais para eles do que para nós, num certo sentido.

D.P. – Por quê, Cândido?

C.G. – Porque acho que eles estavam mudando, exatamente, um pouco o perfil. Depois do David, eles seguiram uma linha de menos... talvez, não menos, mas não só universidades e centros de pesquisa, e entraram ao nível de sociedade civil, e o Ibase era emblemático para eles.

L.L. – Você tinha que conseguir financiar uma das primeiras e mais importantes ONGs do país.

C.G. – Então havia isso. Mas eu disse: “Não estou pedindo favor, apesar de a gente precisar de dinheiro. Mas têm áreas aqui.... O Betinho e o Carlos escreveram um livro, *A crise fiscal do Estado*. Eu acho que aí tem um tema importantíssimo que é o orçamento, e vocês podiam nos ajudar a democratizar o orçamento”. Começava-se a falar em orçamento participativo e essas

coisas. E eu disse: “Esse é um tema enorme, e que ninguém mexe com o federal, de onde vem o dinheiro, para onde vai etc.”. Aí a Ford entrou firme.

L.L. – Mas, Cândido, o seguinte, a gente pensa assim... Mas o que eu achei interessante é que a primeira doação que a Ford faz para o Ibase tem a ver com o pré-censo nacional para a auto identificação racial na educação pública.

C.G. – Ah! Que aconteceu...

D.P. – Em que ano?

L.L. – Essa primeira doação, em 1990.

C.G. – Em 1990. Tudo é em 1990.

L.L. – Em 1990, e depois, em 1991, novo apoio desta mesma...

D.P. – Porque você entrou no Ibase...

C.G. – Em 1990.

D.P. – Em 1990. Então, a entrada do Cândido é a entrada...

C.G. – Vai-se abrindo coisas.

D.P. – Quer dizer, antes do Cândido, a Ford não tinha financiado o Ibase.

C.G. – Não. Só financiou a Abia. E a Abia logo se transforma em independente. O Betinho fazia questão de dizer: “A Abia, você recebe dinheiro de quem salva... De quem está a fim de salvar vidas, a gente pega dinheiro”. E daí pegou da Ford. Mas aí o debate era assim: “Mas o imperialismo...”. Eu digo: “Que imperialismo?! Qual a diferença entre os outros, com os canadenses...?”. É uma visão...



L.L. – Da globalização católica podia, mas da globalização protestante, não.

C.G. – “Ah, mas é dinheiro...” Eles diziam: “Vem dos católicos”. Eu digo: “Não. Vem do governo alemão, do governo holandês, via essas agências”. Porque não é dinheiro assim, não é? E as fundações, bom, provavelmente... E depois eu soube mais, foi um cara horrível, o Ford. Mas a legislação americana, exatamente, ou paga imposto ou cria fundação, que, vamos dizer, permite o rico um pouco dizer para que aplicar o imposto dele. Porque, se ele não faz isso... O Bill Gates também. Hoje é a maior fundação. Se não faz isso, tem que pagar para o Estado. Então, é um estímulo à criação de fundações, que são supervisionadas pelo Estado, sem dúvida, se elas respeitam as regras etc., mas não é lucro pessoal. Só mantém o nome daí, não é? Mas a Ford, nessa época... Já o David tinha me mostrado que ela não tinha mais nada a ver com a companhia Ford. Já tinham vendido todas as ações e aplicavam em bolsa, em qualquer... Eles tinham critérios de aplicação. Tinha o nome, é claro, e não podia trocar. É um nome para... enquanto existe. Ela não pode trocar. É uma daquelas cláusulas que não pode trocar. Então, existe a Fundação Ford e vai existir durante um tempo. Então, eu insistia nesse lado, e dizendo: “Mas, olha, tem que andar pelo mundo”. Porque eles não viajavam muito. O Carlos viajava um pouco, por causa da comunicação. “São contradições. Não é assim tão simples, isso aqui, porque lá também tem gente lutando contra isso. Então, não é tão simples. Temos que... Se não impõe condições para a gente receber dinheiro, não tem problema.” Aí... Mas até, no início do orçamento, eles apoiaram uma viagem do Carlos para ver a experiência nos Estados Unidos que lidava com orçamento público.

L.L. – É, a gente vê. Acho que aí, a partir de 1992, eles começam a fazer esse...

C.G. – É, a entrar nesse... Mas essa abertura permitiu... Porque não estava organizando a campanha do censo, “Não deixe sua cor passar em branco”, porque o censo foi adiado, em função do Plano Collor, foi adiado para 1991. Mas, nesse período em que se decidiu fazer o censo das crianças aí, racial... Porque essa questão, o Ibase ajuda a... É um dos primeiros, eu acho, a começar a levantar essa questão. Uma ONG que não é do movimento que levanta questões desse tipo.

L.L. – Uma das pessoas que nós entrevistamos foi a Elizabeth Leeds, que é uma pessoa que trabalha nessa área e dá apoio, e eu estou lembrando disso porque às vezes ela menciona que a Vânia Santana, que à época era do Ibase, [foi] a pessoa que sugeriu a campanha com o IBGE, “Não deixe sua cor passar em branco”. É isso mesmo?

C.G. – É isso mesmo. A gente fez cartaz, fez tudo. É isso mesmo. A Vânia estava lá quando eu entrei. Ela sai uns dois anos depois, eu acho, porque ela vai fazer um curso na Holanda, aquele do instituto lá do desenvolvimento, e daí não volta mais para o Ibase. Mas ela continua até hoje lidando com isso.

D.P. – Ela é sócia. Ela faz parte. É sócia do Ibase. É associada, como a gente chama.

C.G. – Mas essa ideia da campanha é por causa do baixo número de... É autodeclarado, no censo, e era muito pequeno o número...

D.P. – De negros e pardos.

C.G. – De negros e pardos. Então, era a história de não deixar a cor passar em branco.

D.P. – Isso é bem bolado.

C.G. – Mas a ideia de aproveitar o ano do censo foi dela. Só que o censo foi adiado, e daí que se fez outras coisas e tal, e depois, em 1991, porque ela já estava prevendo ir para a Holanda, ela acabou indo antes de se realizar o censo, daí entrou uma outra pessoa lá para ajudar a concluir isso. Enfim, nós fizemos isso. Mas o processo de discussão com a Ford inicia em 1990, de fato, com o Christopher, e a entrada da Elizabeth ajuda muito, porque ela vem de uma história de universidade, de estudo de movimentos sociais, já tem um outro...

D.P. – Favelas. Ela estudo muito favela, aqui.

C.G. – Então, tem outra história. E o período que ela esteve foi de relações muito francas com o Ibase. Porque ela ficou muito tempo aqui. Eu não me lembro quantos anos, mas...

H.A. – Uns quatro anos.

C.G. – Ela nos ajudou muito, a Elizabeth Leeds. Mas mesmo depois, que ela não estava mais aqui, ela continuou ligada à Ford lá. Até no Fórum<sup>15</sup>. Porque a Ford é a primeira a apoiar o Fórum.

D.P. – O Fórum Social Mundial.

C.G. – E isso também eu tive que convencer outros a receber dinheiro da Ford.

D.P. – Isso é interessantíssimo, mas eu acho que você devia centrar no Ibase, para depois a gente ir para o Fórum. Centra no Ibase, aí nesse momento, porque é muito legal esse período.

L.L. – Então, teve esse... De estudo de gestão local, municipal, que foi uma outra coisa que foi...

C.G. – Teve uma pesquisa.

H.A. – Como é que foi essa pesquisa? O objetivo era identificar boas iniciativas?

C.G. – Boas iniciativas de... Porque havia... Antes de eu entrar, tinha, acho que no Espírito Santo, em Boa Esperança, e em Lages, não tinha? Eram os dois municípios de referência. Mas daí vêm as experiências do PT, que começa a ganhar governos e levanta essa bandeira do orçamento participativo. Então, a gente transforma isso num programa no Ibase. E a gente fez uma pesquisa da experiência do orçamento participativo em Porto Alegre. Acho que é um dos primeiros estudos feitos. É o Ibase que faz. E a gente vai levantando a questão a chegar até o orçamento federal. Mas para essa coisa do orçamento federal é que a gente... A Ford disse... Foi a Elizabeth ou o Christopher. Um dos dois disse: “Vamos ver a experiência dos Estados

---

<sup>15</sup> Fórum Social Mundial

Unidos para ver quais são os problemas que tem, e daí monta o projeto”. E aí a gente montou o projeto.

D.P. – Cândido, você estava falando dessa coisa do convencimento do pessoal para o apoio da Ford. Foram várias reuniões inclusive. A direção aceitou melhor? A base do Ibase, que sempre foi muito participativa, reagiu? Como é que foram esses embates lá? Lembrando que hoje a gente tem isso lá em relação ao financiamento de Gates. Isso é um debate no Ibase quenterésimo. Então, hoje, 30 anos depois, volta o ponto.

C.G. – Mas, na época, eu diria que era menos orgânico, o Ibase, assim, como grupo. Havia muitos setores. Havia, basicamente, um grupo bastante heterogêneo chamado de Pesquisa; havia a parte da comunicação, que eram as mulheres, a Maria e a Cleide, então, era o Ceta e rádio, também. Nós tínhamos um programa... A gente gravava um programa de rádio.

D.P. – Era a mulher do Betinho e a mulher do Carlos Afonso que coordenavam a parte de comunicação.

C.G. – Era o Cria e o Ceta, e havia o Alternex.

D.P. – O Alternex é a parte da Internet.

C.G. – Que é criado em 1989. Que abre em 1989. É criado um pouquinho antes. E era como se não fosse uma instituição, mas várias, sob o chapéu Ibase. E eu entro... O Betinho valorizava bastante a história de pesquisa, mas ele valorizava pesquisa não muito acadêmica, no sentido que tinha que ser pesquisa voltada para provocar debate, ação. Então, ele não aguentava a coisa que se dedicasse a fundo em estudos etc. Ele achava que isso era perda de tempo. Precisava botar o dado no mundo. Aliás, na origem do Ibase tem isso, democratizar a informação para democratizar a sociedade. Então, era como fazer, abrir as caixas-pretas etc. Então, esse Grupo de Pesquisa era muito... E vira e mexe o Betinho propunha uma coisa nova, e daí se deixava, não concluía e começava outra e... Era muito heterogêneo e muito confuso, esse grupo aqui. Então, debates, era difícil até fazer. Ele ficava restrito muito às pessoas mais próximas: era o Sérgio... Porque era muito ligado ao Sérgio [Ferreira], à Fernanda [Carvalho], ao Betinho...

D.P. – O Sérgio Ferreira, que é o tradutor de Lula; a Fernanda Carvalho, que é mulher do Cardim, que é uma das...

C.G. – A Fernanda Carvalho; a Letícia Cotrim, que estava nessa época aí; o Fernando Cotrim, que era voluntário, mas estava sempre aí, o marido da Letícia... Era um pouco mais restrito...

D.P. – O Henri Acselrad não estava, não? Não, ainda não.

C.G. – O Henri é meu... Eu contrato o Henri. Porque eu tento organizar o Ibase, então, eu faço um concurso aberto.

D.P. – Então, essa discussão... Voltando à coisa da Ford, então, a discussão da Ford ficou restrita a um grupo menor, se participa ou não.

C.G. – A um grupo menor. Inclusive, o Henri é contratado como consequência, mas ele não vem para esse projeto. O João Sucupira vem para esse projeto, já visando esse projeto do orçamento, o João. Então, na verdade, esse debate é antes de eles entrarem e é um debate bastante restrito. Porque, é claro, no primeiro momento, saíram umas dez pessoas do Ibase, dessa área, dessa aí, porque era difícil... Não aceitavam. Eu tentei normalizar contratos e todas essas coisas, e alguns não aceitaram, então, preferiram sair; outros...

D.P. – Porque Cândido vai ter um papel importante na coisa de institucionalizar o Ibase. A entrada do Cândido marca... O Ibase se torna mais instituição, nesse sentido.

C.G. – E aí cria... Vamos dizer, esse esforço... Bom, o passo seguinte foi fazer esse chamado – pelo *Jornal do Brasil*, a gente chamou. E daí apareceram currículos aí que... O Henri entra assim; o João Sucupira entra assim... São seis: a Isabel, que depois foi para Porto Alegre, de meio ambiente, também... Enfim, nós contratamos seis de uma vez só. É escolhido... Enviaram um monte de currículos, acho que mais de 300 que a gente recebeu, pelo chamado no jornal.

D.P. – Isso graças, em parte, ao financiamento da Ford. Já tinha esse financiamento da Ford.

C.G. – Porque a gente já... Em 1991, a gente começa a estabilizar o Ibase. Tem uma nova crise com o Plano Real, não é? Esses planos sempre... Nós, extremamente dependentes do exterior, e aí eu começo a levantar a questão de como não ser tanto. Porque o Ibase é um dos primeiros a dizer: “Não podemos depender só de fora”. Hoje, que está acabando, eu vejo a importância dos financiamentos – e aí eu incluo a Ford – na definição da autonomia. Nós fomos autônomos porque tinha dinheiro de fora. Politicamente falando, era uma coisa que talvez... Isso não entrou no debate nosso lá com... Como o da Ford, mas entrou porque precisava de financiamento e novas frentes e tal. E depois isso foi superado fácil, por causa da Eco-92. Porque essa diversidade que se reuniu aqui, e o Ibase organizou uma recepção para... Porque daí era o meu lado, não é? Eu convidei todas as redes que eu conhecia para conhecer o Ibase. [INAUDÍVEL] durante a Eco, aqui no Rio, no Aterro. Eles foram lá, a gente fez um coquetel e tal. E isso mostrou para o Betinho e para o Carlos o quanto isso nos dava força e legitimidade no plano interno para a gente falar – porque a gente fala em nome de um troço nascente mundial –, que tinha sentido. E esse debate é superado aí. Eu informo a Ford. Inclusive, em 1994, o Betinho foi comigo junto, nós fomos, lá na Ford, recebidos pelo presidente... pela... uma mulher. A presidente da Ford nos ofereceu um almoço, lá na Ford mesmo. Nós fomos na Pré-Con da Conferência do Desenvolvimento Social de Copenhague. Foi em 1994 ou 1995. Acho que em 1995. O ano, eu não sei. Mas nós fomos, uma equipe. A Novib nos financiou para ir e a Ford nos recebeu lá, e recebeu assim...

D.P. – Com gala.

C.G. – Com gala: toda a direção, todo o conselho da Ford, pela importância do Betinho. Vale a pena também a campanha da fome. Daí tem outras variáveis aí mexendo. E o Betinho é convidado da ONU<sup>16</sup> para falar.

D.P. – Cômico, antes de entrar nisso, que eu acho que é superimportante, mas só voltando um pouquinho, porque a Eco-92 é um marco na história das ONGs, e sobretudo do Ibase, quando tem a Eco, o Ibase é um pouco receptor desses movimentos e monta um programa...

---

<sup>16</sup> Organização das Nações Unidas

C.G. – E o Alternex, também.

D.P. – Exatamente. Pela primeira vez, os movimentos sociais – eles fazem aqui no Aterro – começam a usar a coisa da Internet. O Ibase monta um super estande lá e as pessoas vão ter acesso às coisas *on-line*. Então, isso é uma revolução. Quer dizer, então, foi um marco. Isso foi um marco.

C.G. – A gente foi missionário. A gente foi missionário de Internet no Brasil.

D.P. – E aí o Ibase se torna referência. Porque na Eco, que teve um eco muito grande, o Ibase se tornou referência interna e externa. E aí vocês aproveitaram... Isso eu não sabia. Então, foi feita uma reunião no Ibase com esses parceiros todos.

C.G. – Foi. Vieram todos esses parceiros. Essas relações que eu tinha estabelecido na Europa, tanto de financiamento como outros, estavam todos aí, e dos Estados Unidos. Porque nesse período, nos pré...

D.P. – E a Ford ajudou a financiar, do lado dos movimentos? Porque é a coisa paralela: você tem... Como está tendo agora. Por exemplo, agora o Ibase está na organização do movimento paralelo em relação à Conferência...

C.G. – Isso eu não sei te dizer, porque a comissão que se organizou para a Eco, na verdade, o grosso do financiamento veio ou Nações Unidas ou do governo do Rio, que deu um bocado. Era aquele cara do PSDB<sup>17</sup>...

D.P. – O Marcello?

C.G. – O Marcello Alencar.

---

<sup>17</sup> Partido da Social Democracia Brasileira

D.P. – Marcello Alencar. Ah, o Marcello dá dinheiro para a paralela? Porque tem o movimento oficial e tem o paralelo, não é? Porque o paralelo é que o Ibase está participando. Não sei se isso é claro para vocês.

C.G. – Eles que montam...

D.P. – Está tendo a reunião oficial, como vai ter agora. Todas essas entidades... Porque as ONGs são... Fizeram isso em vários momentos da sua vida: você tem as grandes reuniões das cúpulas mundiais oficiais, cúpulas da ONU, reuniões da ONU... E a Eco-92, quando tem aqui no Brasil, ao mesmo tempo que você tem a reunião em que vêm os ministros de Estado, os chefes de Estado etc. e tal, os movimentos sociais e as ONGs fazem uma coisa...

C.G. – A cúpula paralela.

D.P. – A gente chama cúpula paralela. Então, vai para um lugar próximo onde se reúne todo mundo, fazendo também seus debates, para criticar, para pressionar, para...

C.G. – E daí houve os tratados todos. É todo um aprendizado. Mas é a primeira cúpula paralela, e isso...

D.P. – Então, a Eco-92 é um marco, nesse sentido.

C.G. – É um marco para a ONU, porque a ONU...

D.P. – Porque teve a oficial e teve a paralela, das ONGs e dos movimentos, em que o Ibase tem um papel nessa coisa da Internet.

L.L. – Pode ser até que a Ford tenha financiado alguma dessas ONGs que estiveram...

D.P. – Exatamente. Porque se montava tenda, fazia show...

L.L. – Mas dentro do Ibase, não.



C.G. – Não, não.

L.L. – Pelo menos [INAUDÍVEL].

D.P. – Aí se montava tenda para show no Aterro...

C.G. – E o Ibase não quis entrar no comitê. Foi complicado montar o comitê. E até, muitas reuniões lá no Ibase. Esse comitê da cúpula paralela. E o Ibase resolve... Daí já estava o Átila [Roque]. Porque o Átila volta do Japão e daí se integra, e o Átila... A gente decidiu apoiar sem assumir a coordenação. Porque nós tivemos problemas de... Acho que a Ford nos ajudou a financiar em parte aquele evento que dá origem à Abong, não sei, em 1991.

L.L. – Está lá.

D.P. – É?

C.G. – Porque, em 1991, a gente fez um grande seminário aqui no Hotel Glória sobre as ONGs e a cooperação internacional e, nesse seminário, a gente aproveitou toda a discussão para trazer um montão, umas 150 entidades brasileiras para... Daí fez a assembleia, no final, criando a Abong.

D.P. – E a Ford esteve aí nesse momento, financiando.

L.L. – Está lá. Já entra como Abong; não entra como Ibase.

C.G. – Já entra como Abong.

D.P. – E o Ibase que puxou isso?

C.G. – O Ibase que puxou. Mas isso...

[FIM DO ARQUIVO I]

D.P. – Então, quer dizer, a Ford deu dinheiro para...

L.L. – Para a criação da Abong<sup>18</sup>.

D.P. – Para a criação da Abong, nesse sentido, para a preparação para o seminário.

C.G. – O primeiro financiamento, eu acho, da Abong deve ser da Ford. Um dos primeiros.

L.L. – Deve ser, sim.

C.G. – E é o Jorge Eduardo que é eleito. Mas isso... Houve um certo desgaste do Ibase nesse processo que foi fundamental para o sucesso da cúpula. Porque, é claro, juntar essas entidades que uma desconfiava da outra, era um troço... A gente vinha da clandestinidade toda, então, mesmo dez anos depois, estava difícil, ainda. Então, isso de sentar junto e discutir... E, é claro, a Novib tem um papel fundamental nisso, porque a Novib criou a chamada Plataforma Brasil dela e juntava as entidades. E, é claro, muito do apoio para juntar essas entidades passava pelo Ibase, porque era o principal parceiro. Então, várias reuniões... Eu entro no Ibase, eu tenho essa missão de organizar a plataforma.

D.P. – Era de três em três anos que eles faziam?

C.G. – E eu invento a Plataforma Ibase. Era a Plataforma Novib e eu invento a Plataforma Ibase. Eu digo: “Mas se as entidades podem fazer, se os financiadores podem fazer, por que a gente não faz também, com os nossos parceiros?”. E aí, em 1993, quando se lança a campanha da fome.

D.P. – A primeira Plataforma do Ibase é em 1993, não é?

---

<sup>18</sup> Associação Brasileira de Organizações não Governamentais

C.G. – É em 1992, a primeira plataforma.

D.P. – Porque também é bom explicar um pouquinho [o que é] plataforma. A Novib fazia isso, pegava os parceiros do Brasil inteiro, quem eles financiavam...

C.G. – Reuniam as 40 entidades.

D.P. – Reuniam 40 entidades num hotel, que era no Nordeste, em várias cidades no Brasil.

C.G. – Três dias.

D.P. – Eles financiavam tudo. Era superinteressante, porque os parceiros iam...

C.G. – Para discutir a política de cooperação.

D.P. – O Agostinho ia pelo Idaco, porque tinha também financiamento da Novib. E aí eles passavam três dias discutindo e se conhecendo e propondo coisas.

C.G. – E isso é o embrião da Abong.

D.P. – Isso é o embrião da Abong. E depois o Ibase começa a fazer isso, a Plataforma Ibase. Essa era a Plataforma Novib.

C.G. – Porque aí o Ibase convida todos os financiadores, os parceiros de movimentos sociais...

D.P. – E a própria Novib financia, dá dinheiro para ela, e ele convida todo mundo que é parceiro do Ibase, todas as agências internacionais, o que é um negócio muito interessante...

C.G. – E redes.

D.P. – Então, nessas reuniões, está a Novib, está a alemã, está a Itália, está o Brasil inteiro...

H.A. – A Ford.

D.P. – Com os nossos parceiros de movimentos sociais. Eu já participei de algumas dessas.

C.G. – E aí que teve o Ibase. Porque eu dizia: “Só eu conheço, não vale a pena”.

D.P. – E a gente vai para um hotel, também, fica três dias...

C.G. – Então, todo mundo conhece.

D.P. – Em debates, discussões, grupos. Plataforma é isso. Então, tem a Plataforma Ibase que começa a surgir, porque o Cândido então inventa essa Plataforma Ibase. Porque já tinha a Plataforma Novib.

C.G. – É em 1993, a campanha da fome.

D.P. – E a EED<sup>19</sup> também faz isso um pouco, não é, Cândido?

C.G. – É em 1993, sim, a campanha da fome.

D.P. – A EED também faz isso, a alemã. Em certo sentido, é isso. O PAD é um pouco isso. E a EED é uma instituição...

C.G. – Mas vem bem depois.

D.P. – É. É uma instituição alemã ligada às igrejas protestantes que vai ser uma parceira do Ibase, também, a EED...

C.G. – Que adota o Ibase, também.

---

<sup>19</sup> Evangelischer Entwicklungsdienst

D.P. – Que adota o Ibase, também. O Ibase tem dois grandes financiamentos, digamos, institucionais: um é da Novib, que é o maior de todos, e outro é da EED, que é o segundo, mas também superimportante, dessas igrejas anglicanas da Alemanha, e que também fazem, de três em três anos ou de dois em dois anos... Ela também reúne parceiros do Brasil para discutir as questões.

C.G. – E eles continuam ainda. Porque a Novib...

D.P. – Eles ainda estão apoiando o Ibase.

C.G. – A Novib acabou o Programa Brasil. O Brasil agora tem que financiá-los. [riso]

D.P. – Por isso que o Ibase está na crise... Por isso que eu não saí do Ibase. Aí foi uma crise pesada.

H.A. – E a Ford sempre apoiou projetos específicos; não institucional.

C.G. – A Ford nunca foi assim. A Ford não tem essa ideia de apoio institucional.

H.A. – É bem coerente.

C.G. – A Ford é a ideia da parceria, “se tem um ponto de interesse, tudo bem, a gente financia”, mas não o institucional. Só que eles são generosos, no sentido dos custos. Eles apoiam os custos institucionais ligados a esse projeto, proporcional a esse projeto, coisa que muitos não fazem. Muitos dão o dinheiro estrito para o projeto, e era esse outro, institucional, que bancava. Mas isso é uma questão que a Ford nunca colocou, mas que eu coloquei, que não podia depender também só de fora. Então, isso é um debate no Ibase que se instaura logo depois da entrada da Ford, em 1993 e 1994. E, quando vem o Plano Real, a gente cai na real, digamos assim, porque o Plano Real... O dólar, que já estava três, sei lá, vira um, menos de um. É um baque danado.

D.P. – É. Porque os projetos são feitos em dólar, não é?

C.G. – Era tudo feito em dólar ou euro e depois...

D.P. – Aí não interessa, se cai ou não cai...

C.G. – Olha, foi dramático. Foi um período difícil. E aí discussões com o governo sobre a responsabilidade dele. É o governo Fernando Henrique, não é? Bom, foi um período bastante complicado. Mas daí a gente começa a inventar coisas no Ibase para ver se consegue outros financiamentos. É claro que a campanha da fome nos abriu relações com um campo bem novo aqui dentro, que são as estatais: a Petrobras, Furnas, Banco do Brasil. Entram as estatais na história. E isso nos equilibra um pouco, vamos dizer assim, em parte, o financiamento. Mas a gente nunca conseguiu avançar muito mais. A gente também inventa o programa dos Amigos do Ibase, que é o apoio direto da população, quem quisesse, e a gente avançou um pouco. Isso também vem na esteira da campanha da fome, porque foi o Amex que nos quis adotar, o Amex, o cartão. Aí se instaura um novo debate no Ibase: “Um gringo?”. E eu disse: “Por que não, se é pontos, é de gente?”. Eles não estavam dando o dinheiro deles. Quando se usa o cartão, se ganha pontos, e eles estavam acumulando e eles queriam transformar aquilo em dinheiro para entidades. Eu disse: “Vamos entrar, claro! É dinheiro, tem que disputar”. E a gente acabou criando o nosso programa. Porque com isso a gente começou a ter relação com doadores e iniciamos o nosso programa de doações etc. Com os fundos de pensão, em particular, que a gente fez campanha. Mas a Ford acompanhava essas coisas. Inclusive, a Ford se interessou muito por... o negócio do balanço social, no Ibase. Porque, é claro, a campanha da fome nos trouxe empresas e a gente... O que fazer com as empresas? Então, uma das últimas coisas na discussão com o Betinho era: “Vamos exigir que elas sejam transparentes. Elas dizem que fazem, então, vamos cobrar”. E é gozado porque uma das primeiras é a Xerox e a Xerox não aceitou o balanço social. Ela disse que não é obrigada a publicar. Ela não aceitou. E daí ela some do Ibase.

D.P. – Porque isso também é interessante, é outra inovação do Ibase. O Ibase sugere, cria para ela e sugere que todas as empresas apresentem publicamente esse balanço social. Não é só abrir suas contas...

C.G. – E não só o balanço financeiro.

D.P. – Não é só o financeiro, não, mas é quantas mulheres emprega; quanto de negro emprega; qual é o nível de educação das pessoas...

C.G. – Quanto gasta...

D.P. – Quanto gasta nisso.

C.G. – Além do legal, além do que é obrigado.

D.P. – O que você está investindo em educação, creche...

C.G. – Em treinamento.

D.P. – Então, esse modelo Ibase que marcou época. O modelo Ibase é adotado hoje em dia. É impressionante.

C.G. – E a Ford se interessa e estimula o Ibase a entrar para as organizações sociais.

D.P. – Agora, eu não sabia que tinha sido...

C.G. – E isso nos provocou o Ibase ter que adotar para si mesmo o balanço social. E esse modelo a gente tentou, sem sucesso, para as ONGs, e hoje estão pagando um pecado aí, porque a não transparência é o que mais cobram da gente. Mas, olha, acho que têm três ou quatro entidades só que fazem o balanço social.

D.P. – Então, a Ford financia o projeto do balanço social, também?

C.G. – Financiou também.

H.A. – Porque tem uma doação para estimular a adoção de práticas de responsabilidade social nas empresas. Não sei se [INAUDÍVEL].

D.P. – Deve ser ligado.

C.G. – É esse.

D.P. – Porque esse balanço social surge... Exatamente, as empresas vão apoiar e há um grande debate nas esquerdas, inclusive no Ibase: como é que vai receber apoio de empresa, empresa capitalista, tudo com desvio de dinheiro? E aí é quando se lança essa ideia, quer dizer: “São capitalistas, tudo bem, mas elas podem ser... A gente pode fazer uma campanha pela transparência dessas entidades, pela responsabilidade social dessas entidades”. Talvez... Foi a última campanha do Betinho vivo, ou uma das últimas, pelo menos.

C.G. – Ele lançou em junho e ele morreu em agosto.

D.P. – Eu estava nesse debate. Também foi quenterésimo. Porque como o Ibase tinha essa coisa dos associados que participavam da discussão... Lembro até hoje o Moacir Palmeira... Várias pessoas não aceitavam. “Como é que o Ibase vai se meter com empresa? Porque toda empresa, no fundo, no fundo, é da exploração, do capitalismo.”

L.L. – É do mal.

D.P. – É do mal.

C.G. – Mas a estatal pode, não é?

D.P. – É. A privada não pode; a estatal pode. Aí foi um debate lá enorme. E aí isso deu esse fruto: o balanço social e essa campanha.

C.G. – E quem deu, de fato, de empresa, foi o C&A, que nos deu dinheiro, e a Light.

D.P. – C&A?



C.G. – E a Light privatizada. Nos deram dinheiro direto, nessa época. Mas a C&A, a empresa C&A.

H.A. – Mas você acha que a Ford, nesse sentido, era importante para apoiar essas coisas inovadoras?

C.G. – Ela era bem sensível, a Ford, ela e... Não era tanto quanto a Novib. A Novib, vamos dizer, politicamente, é mais coerente. A Ford é uma estrutura complexa. O *board* da Ford é empresário, mais que outra coisa, enquanto que o *board* da Novib é esse movimento social da Holanda. Eram 180 pessoas que elegiam um *board*: todos os sindicatos, todos... É a social democracia holandesa, digamos, então, dá outro perfil. Sempre os presidentes da... Os diretores da Novib sempre foram personagens políticos e tinham discussões políticas. Um virou... O nome dele, agora eu esqueci, mas virou deputado no Parlamento Europeu, depois que saiu de lá; a que está agora, que é uma mulher iraniana que virou nacionalidade holandesa, foi eleita para o Parlamento, é do movimento verde holandês e ela hoje é diretora.

D.P. – E na Ford...

C.G. – Na Ford não. A Ford, o *board* lá é... A direção... É mais ou menos o que acontece em muitos lugares: os assalariados são mais progressistas que a direção, nessas entidades. Mas no caso da Ford era mais gritante isso. O *board* era gente de área política americana, mas dos principais partidos, gente sensível, vamos dizer, de caridade ou alguma coisa assim, e se não, eram empresários. Inclusive, o atual presidente, eu acho que ainda continua, ainda é um cara que fez trajetória na bolsa, na Wall Street. Vamos dizer, é o contrário dos que os movimentos estão demandando, vamos dizer assim. É um *self-made man*, esse último. Eu acho que ele ainda está lá. E ele tentou priorizar os Estados Unidos. Por exemplo, ele disse: “Temos pobre aqui, para que financiar o mundo?”. Então, até gerou crises aqui, porque reduziu o orçamento.

D.P. – Cândido, eu queria entender um negócio. Não faz parte da política da Ford dar apoio institucional a nenhuma entidade por quê?

C.G. – Para nenhuma entidade.

D.P. – O que eles alegam? Isso que eu queria entender, por quê?

C.G. – Mas eles dão um certo apoio institucional.

H.A. – É interessante isso que você falou: é proporcional ao projeto.

C.G. – É proporcional. Mas eles dão também uma coisa que eles têm e que outros não têm. Eles financiaram a compra do Pólis, o prédio. Eles que deram o dinheiro.

D.P. – Pólis é uma ONG de São Paulo, não é?

C.G. – É como se fosse um *endowment*. Eles dão um *endowment*. E para o Ibase... Vê, nós erramos, mas eles nos deram... Porque a gente apostou no Alternex. Quando deu o *boom* da Internet, a gente achou que isso ia sustentar o Ibase, e eles deram 800 mil dólares para o Ibase como um empréstimo muito camarada, sem juros e que pagasse se tivesse lucro. Porque, depois que vendemos, eles nos cobraram uma parte. Quando nós vendemos o... Não demos conta daquilo, não é? Mas a ideia era transformar isso em fonte de receita para o Ibase.

D.P. – E ele bancou. Aí a Ford deu 800 mil para o Alternex.

C.G. – Quando ela virou empresa, empresa controlada pelo Ibase, virou Altercom. Sai do Ibase e... Isso é logo depois do falecimento do Betinho. Começou a negociação com essa viagem que o Betinho foi lá. E eles ofereceram isso. Eles ofereciam para algumas entidades esse *endowment*. E nós tivemos... Acho que nós pagamos parte do... A última parcela da venda, nós damos para eles.

D.P. – Para a Ford?

C.G. – É. Então, pagamos 300 mil, do empréstimo de 800.

D.P. – Porque o Ibase resolve vender a Altercom, porque viu que não tinha...

C.G. – Não tinha perna.

D.P. – Não tinha perna para segurar aquele negócio.

C.G. – E a Ford questionou nós termos vendido, porque a intenção era...

L.L. – Que aquilo garantisse a sobrevivência, a...

D.P. – A sustentabilidade do Ibase.

C.G. – Mas, de fato, foi uma aposta infeliz.

D.P. – Mas o que você falou? Foi errado o quê? Foi errado o Ibase ter vendido ou foi errado ter apostado...?

C.G. – Foi errado ter apostado. A gente não tinha experiência. Nós não sabemos lidar com negócio. Isso é um negócio, e daí tem que entrar meio na lógica do negócio. E nós tínhamos... Nós éramos missionários disso. A gente tentava convencer o movimento lá a entrar na Internet, e treinava o cara e tal. Não tinha essa ideia comercial. E quando vem isso, a equipe tem dificuldade em aceitar essas regras. Teve mil problemas. Passa a não dar lucro e passa a ser um problema, pode virar um problema para o Ibase. Daí o Ibase primeiro se associa com empresários. E, nessa associação, eles pegaram... A gente perdeu o controle. E daí, ao perder o controle, passaram a fazer práticas... Aí o negócio foi vender, não é?

L.L. – Mas aí, Cândido, aí não é a história...? Quer dizer, uma instituição, nessas alturas, grande etc., você ou tem um financiamento estrangeiro, desse financiamento benéfico da igreja...

D.P. – Institucional.

L.L. – Institucional etc., etc., ou você tem um financiamento do governo brasileiro fazendo o equivalente a esse financiamento, ou você vira, de alguma maneira, uma lógica empresarial.

H.A. – Venda de serviços, não é?

L.L. – Porque não há mágica. Só uma brincadeira: nós, aqui na Fundação, aprendemos com dificuldade uma coisa, porque se dizia o seguinte, “não há almoço grátis”. Ou seja, se você faz isso ou aquilo, tem um custo que alguém está pagando. Você pode não saber quem é, mas que existe e que está sendo pago. Então, só para a gente apimentar a nossa conversa.

C.G. – Acho que é isso. Mas a Ford, mesmo agora, eu sinto, vamos dizer – a Ana Toni saiu e entrou a Nilcéa [Freire] – que há espaço, porque eles estão preocupados com o futuro do Ibase, então, o que parecia que estava acabando, retoma de novo uma relação. Porque com essa... Eles também passaram por dificuldade, redução de orçamento e tal, e a Ana Toni passava uma ideia de que a Ford até corria o risco de fechar o escritório aqui. E daí vem a Nilcéa, que tem uma percepção do Ibase mais política talvez do que a Ana Toni e que diz: “Não, o Ibase não pode acabar”. Então, ela foi naquele Ibase 30 anos e ela disse: “Escuta, o Ibase não pode acabar”, e ela passa a nos ajudar.

D.P. – Eu tive uma reunião com ela, eu e o Chico Menezes, e a Ford deu uma dotação – pequena, mas deu – para ajudar nessa emergência agora.

C.G. – Para ajudar na emergência. E novos projetos agora, também.

D.P. – Ela ficou preocupadíssima e disse: “Olha, vamos tentar ver aí como é que dá para fazer”.

C.G. – E é gozado porque a Ana Toni me chamou outro dia – foi semana passada –, e ela disse: “Olha, acho que vocês têm que apostar mais na Nilcéa, porque acho que, mais do que vocês pensam, que ela quer ajudar o Ibase”. Também, para a minha surpresa...

D.P. – Porque Cândido ficou muito ligado à Ana Toni.

C.G. – Eu conhecia ela em 1992. A Ana Toni é das... Ela estava na ActionAid e veio como ActionAid para o Brasil. Porque ela é das minhas... Como ActionAid, ela estava na negociação

do Gatt. E na Eco – esses grupos todos estavam aqui –, ela foi no Ibase, também. Eu conheço ela desde essa época. Depois, até tentei trazê-la para o Ibase, depois da morte do Betinho...

D.P. – Ah, você tentou trazer a Ana Toni para o Ibase?

C.G. – Para a agenda social. E daí que a Moema assumiu, porque não tinha ninguém. Ela optou por criar a ActionAid.

D.P. – Ela é uma das criadoras da ActionAid, a Ana Toni?

C.G. – No Brasil. Ela que está no escritório da ActionAid aqui.

D.P. – Vocês entrevistaram a Ana Toni?

H.A. – Sim, sim.

C.G. – Mas eu tenho momentos marcantes nessa relação com a Ford, mesmo com a Ana Toni...

H.A. – Pois é. Isso que você falou...

D.P. – Esse com a Ana Toni que tem a ver o Ibase, foi com o Lula no governo. Eu escrevi um artigo, logo que o Lula entrou, e ela me chamou, em cima desse artigo. Porque eu disse: “Acho que vai haver uma renovação bastante grande na política, porque é um outro estilo, e esse encontro entre...”. Eu usava a expressão “entre o povo e a Nação”. Porque nós tínhamos sempre um governo que nunca foi de origem popular, e que isso era uma marca que provavelmente ia... E era uma nova era no Brasil. E a Ana [Toni] me chamou e disse: “Escuta, vamos registrar isso antes... desde já. Você não quer apresentar o projeto” – foi o Mapas – “em que a gente vai ver as iniciativas participativas? Porque você insiste muito que essa é a dimensão que provavelmente vai acontecer em nível nacional”. E aí gente monta o projeto, que depois se revelou complicado, na verdade. Mas ela banca.

D.P. – O projeto chamado Mapas.

C.G. – Vamos dizer, há uma discussão. O Ibase não estava pensando em fazer o projeto, mas ela disse: “Vendo o teu artigo, você, eu acho que tem condições de liderar isso”. Então, a aposta dela, essa é uma. A segunda aposta dela, ela disse: “Eu vou renovar, sim, o orçamento, o projeto, mas por que vocês não visam numa coisa que...?”. Também, a gente começou a discutir o BNDES<sup>20</sup>, que é parte do orçamento, mas que nem aparece no orçamento. Porque é federal, mas ele está fora do orçamento. Ele não é objeto do orçamento, apesar de ser dinheiro público. Ele não é uma estatal; ele é uma autarquia. E é a Ana que nos alerta sobre essa... E a gente aceita o desafio, e acho que é muito importante. E problemas também que a gente teve nesse trabalho. Sempre teve essas coisas. Mas um outro momento marcante foi esse do Fórum, também. Porque o Fórum... Está aquela tensão em 1999 e 2000, Seattle, que para a negociação da OMC... Bom, havia muito protesto antiglobalização, mas havia pouco espaço de discussão, assim, autônomo. E aí, logo após o Fórum Econômico Mundial de 2000, que é sempre em janeiro...

D.P. – O de Davos.

C.G. – O de Davos. O Oded me chama, o Oded Grajew, empresário, com quem o Betinho teve umas diferenças, mas sempre com portas abertas, ele me chama e diz...

D.P. – O Oded é do...

C.G. – É do Instituto Ethos.

D.P. – Ethos.

C.G. – Mas ele é um empresário de origem e foi, aliás, sócio do cara do Fórum Econômico Mundial, quando o cara tinha fábrica de brinquedos aqui. Para você... Vamos dizer, os opostos, não é? O Oded disse: “Escuta, eu tive uma ideia” – o Oded tem umas ideias assim –, “a gente criar o Fórum Social Mundial, já que tem o Econômico, para a gente agrupar esses

---

<sup>20</sup> Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

altermundialistas aí etc. O que você acha? Só que o Ethos não tem capacidade, daí eu pensei no Ibase, porque o Ibase sabe organizar essas coisas, você tem uma história etc.”. E eu disse: “Ah, sim, é interessante. Mas vamos conversar”. Isso foi em final de janeiro, início de fevereiro de 2000. Daí eu fui lá, e daí... “Vamos planejar bem; daqui a quatro ou cinco anos, eu acho que a gente consegue montar”. Eu digo: “Ah, não. Aprendi com o Betinho, essas coisas, a gente faz logo ou não faz mais. Tem que ser já”. “Mas como? E o dinheiro?” Aí, ideias grandes, a gente consegue o dinheiro. Minha experiência diz que quanto maior é mais fácil. Quando é pequenino que é difícil.

D.P. – Sempre defendeu essa tese, o Cândido, quanto maior, mais dinheiro. Quando eu entrei no Ibase, fiquei apavorada.

C.G. – “Tem de ir lá.” E liguei para o Nigel [Brooke], que estava aqui na Ford. Eu digo: “Nigel, podemos conversar amanhã? Eu tenho uma ideia, acho que você vai gostar”. Ele disse: “Então vamos”. Marcamos lá no Manolo, fomos lá e eu digo: “Nigel, olha, tem uma ideia aqui, eu acho que tem que fazer é logo, mas nós precisamos o dinheiro”. “Quanto que vocês precisam?” Eu digo: “Olha, uns cem mil dólares seria o melhor”. Ele disse: “Ah, eu dou”. Foi no dia seguinte de Davos. Daí eu liguei para os companheiros lá, eu digo: “Escuta, agora temos que ampliar nosso grupo, porque o Chico, o Oded e eu é pouco”.

L.L. – “Eu já consegui cem mil dólares”.

C.G. – “Temos que botar a Abong, porque o Ibase é ligado à Abong. Daí, tem que convidar o Sérgio.” “Ah, o Sérgio, eu conheço”, o Oded, “mas vamos convidar o MST<sup>21</sup> e a CUT<sup>22</sup>, também.” “Vamos.” Aí convidamos o MST e a CUT.

D.P. – É o Sérgio Haddad, que era da Abong, presidente da Abong.

C.G. – Ele era presidente da Abong nessa época.

---

<sup>21</sup> Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

<sup>22</sup> Central Única dos Trabalhadores

D.P. – Em São Paulo.

C.G. – Em São Paulo, é. Aí eu cheguei e disse: “Olha, temos cem mil já”. E eu fiz o mesmo com a Novib. Só que a Novib, eu aumentei a conta. Eu fui lá... “O que é o Fórum?”. Eu digo: “Bom, se vocês não acreditam em mim... Eu não sei explicar, porque ainda não fizemos, não é?”. Era em maio. “Mas e daí? O que é que precisa?” Eu digo: “Ah, no mínimo, 300 mil”. E ela... Trezentos mil. E aí a gente fez o primeiro Fórum, que foi a metade do custo, porque o resto foi o governo lá.

D.P. – Aí se criam essas entidades?

C.G. – Aí a Ford se torna uma parceira importantíssima, porque ela depois se torna a principal, e aí nos traz de volta o debate com os estrangeiros sobre a Ford financiando o Fórum. Aí volta... É o mesmo que eu sofri lá em 1990. Aí vem... Eu disse: “Mas vocês já notaram que a Ford financiou os perseguidos de direitos humanos?”. “Ah, mas é Ford!” Eu digo: “E qual é a diferença da Ford com a Fundação...?”. Porque tinha... daquele cara lá do... O Kadafi tem uma fundação. O Kadafi tinha dinheiro. Eu digo: “Como é que vocês podem receber daí e não...?”. “Ah, mas é diferente.” Eu digo: “Diferente o quê? Eu, por exemplo, não receberia dele. E espero que não financiem o Fórum”. Porque os caras queriam oferecer dinheiro para o Fórum. Eu disse: “Olha, se é daí, não...”. Porque a Ford... Eu digo: “Olha, a trajetória... Tem que olhar a trajetória da entidade. E a Ford é importante”. Mas esse problema foi de tal ordem que eu quase não fui ao Fórum na Índia. Porque, em 2003, eu assumi a Comissão de Finanças do Fórum, em função disso, é claro. Eu que conhecia quem financiava de fora, então, eu assumi isso, e negociando. E o dinheiro passava pelo Ibase, porque o Fórum não tem uma entidade até hoje, então, esse dinheiro de fora vinha pelo Ibase. Os contratos eram com o Ibase. Aí, nessa discussão, nós decidimos ir para... Mundializar o Fórum. A tese era que ele é mundial, mas, se realiza em Porto Alegre, a gente está priorizando os brasileiros, porque 80 a 85% são do local, os participantes. “Temos que rodar o mundo. Vamos para a Índia.” E fomos para a Índia. Foi difícil. Montamos. Mas os indianos vêm com isso, “nós queremos o dinheiro, mas não podemos receber”. Eu digo: “Vocês querem que eu vire a lavadora de dinheiro para vocês. Não, esse papel eu não faço. Ou vocês assumem que a Ford está dando ou não vão ter o dinheiro da Ford.



Eu não vou pegar, não”. “Não, mas tem que pegar.” Eu digo: “Mas isso é... Não é legal. Se não é transparente, não vale a pena. Porque eu sei que vocês têm diferença”. “Nós temos a decisão de nunca aceitar dinheiro de fundações americanas, na Índia”. É um pessoal envolvido com o Fórum. Eu digo: “Bom, aí é um problema de vocês. Vocês se virem”. E eles vieram aqui ao Ibase, a comissão. Não sei se... Você já estava no Ibase?

D.P. – Estava entrando. Entrei um ano depois.

C.G. – É. Foi em 2003.

D.P. – Eu entrei em 2004.

C.G. – Eles vieram aí. Foi uma reunião tensa porque, é claro, dependia de o Ibase aceitar fazer esse papel, porque o contrato era com o Ibase, o da Ford. Aí a Ford só financiou o escritório daqui. Mas a Ford...

D.P. – Eles não aceitaram? Acabaram que não aceitaram?

C.G. – Eles não aceitaram da Ford.

D.P. – Nossa!

C.G. – E nós não passamos um tostão para eles do dinheiro que a Ford deu para o escritório. E aí a gente, em 2005...

D.P. – Isso é a posição desse grupo de...? Os indianos que pensavam assim ou eram outras pessoas do Comitê Mundial?

C.G. – Não. Eram os africanos. O Samir Amin, o egípcio que vive em Dakar, ele transformou isso em questão no conselho. Porque eu era também da transparência, de dizer de onde vinha o dinheiro. Então, desde o primeiro Fórum, a gente apresentava a nossa conta. O governo nunca apresentou, não é? É parceiro, mas... A gente apresentava: “Recebemos isso; de inscrições foi

isso”. A inscrição é coisa do Oded já: “Nos eventos assim, tem que fazer... As pessoas têm que pagar”. “Bom, então, vamos cobrar.” Aí a gente começou a ver essas coisas. E a Ford apoiando. Até nos convidou...

D.P. – Agora, eu não sabia que a Ford se tornou a principal parceira do financiamento do Fórum.

C.G. – Se tornou. Em 2005, foram 500 mil dólares que ela deu.

D.P. – Mais do que a Novib, a Ford dava?

C.G. – Mais que a Novib.

D.P. – É? Eu achava que era a Novib.

C.G. – E daí já ela fez contrato com a Abong, depois. Mas aí entra o governo Bush, que levanta a questão de que estão financiando, através do Fórum, organizações terroristas. Aí a Ford não conseguia...

D.P. – Ah, o Bush acusa...?

C.G. – É. É um troço chato, porque a Ford se obriga a parar. Mas, antes disso, eles nos convidaram, e eu não me lembro bem, acho que foi em 2004, quando eles... Porque o esforço... Daí é um financiamento direto de lá. Não é daqui; passa a ser de lá, do Programa de Política, sei lá. O Bradford estava metido nisso, que já foi daqui, e ele era muito meu amigo, ele nos convidou todos. Fomos um comitê, praticamente, lá e fizemos um debate com a... Eles organizaram com várias entidades americanas e estava todo o pessoal da decisão da Ford sobre o Fórum, e decidiram, antes de acontecer esse troço com o Bush, de serem um grande parceiro do Fórum para se estruturar, vamos dizer assim. Eles queriam apoiar a secretaria, organizar um pouco isso. E logo em seguida acontece isso e daí eles não conseguem renovar o apoio. Inclusive, a gente teve dificuldade de prestar contas, porque tinha... Ai, como é o nome dela? A mulher que estava...

D.P. – Lisa?

C.G. – Lisa Jordan. Ela veio aqui para nos ajudar a montar o relatório, para não ter problema.

D.P. – Ela era da Ford, a parceira do Fórum...

C.G. – E veio nos ajudar. Porque ela disse: “Isso pode dar problema para vocês e para nós”. Então, ajudou a montar o relatório.

L.L. – O Congresso americano toma conta. Como é uma agência não lucrativa, o Congresso americano toma conta.

C.G. – E essa ameaça pesou, pesou muito lá, e eles pararam de financiar o Fórum.

D.P. – Cândido, essa reunião, você foi representando... Essa reunião lá na Ford...

C.G. – O comitê foi.

D.P. – O comitê, não é? É até interessante falar um pouco da estrutura do... Porque o Ibase tem um papel muito importante no Fórum.

C.G. – Esse grupo inicial criou o Comitê de Organização do Fórum.

D.P. – Tem um grupo inicial que criou, digamos, o Fórum, e está o Ibase...

C.G. – O Ibase; o Ethos... O Oded não entrou como Ethos, entrou como Empresários pela Cidadania. Era uma entidade... Comitê de Empresários pela Cidadania.

D.P. – Oded Grajew; Cândido Grzybowski; Chico Whitaker, da Igreja...

C.G. – O Chico Whitaker, que vinha pela Justiça e Paz, a Comissão Justiça e Paz da CNBB; o MST, o João Pedro Stédile; estava a CUT, através do Kjeld... Kjeld... O dirigente aqui da CUT; e estava o Attac Brasil, também, e a Abong. A gente formou um comitê que ficou até 2006. De 2006 para 2007 que a gente começa a discutir de criar uma coisa mais internacional para segurar essa secretaria. A gente já tinha o conselho, mas não tinha... Nós, os brasileiros, ainda estávamos... E hoje a gente está como... A gente se transformou em Grupo de Reflexão e Apoio ao Processo Fórum, e nós temos um papel, porque tem uma referência moral dentro do processo, não é?

L.L. – Mas você acha... Quer dizer, de alguma forma, você está relatando para a gente um processo de internacionalização ou de globalização desse fórum aqui e de vocês como instituição, como... Vocês ainda se referem ao Ibase como ONG? É uma ONG?

C.G. – Não.

D.P. – Esse é o debate.

L.L. – Como é que vocês... É uma instituição? Quer dizer, tem um pé nacional... Vem de uma experiência internacional dos fundadores, mas centra-se no Brasil, nas coisas brasileiras e depois, está mostrando, quer dizer, tem financiamento de agências de cooperação internacional e estão...

C.G. – Mas, já em 1990, a gente tinha um programa chamado Globalização, que é o Átila que coordena. Democratização da Globalização, era o nome. E nisso aí também surge o Social Watch, a rede, que é financiada de novo pela Novib, que é ver os compromissos dos governos e das conferências sociais

D.P. – Essa rede é superimportante. Não sei se vocês já chegaram... Porque é o Observatório da Cidadania. É uma rede internacional

C.G. – E aí está o Observatório no Brasil. Porque a gente é o primeiro país a ter um relatório internacional. A gente traduz para o português e introduz capítulos, e daí foi o Observatório da Cidadania. E a Ford apoia isso, também.

D.P. – Ela apoia a Internacional ou apoia o Ibase, também?

C.G. – Ela apoia aqui.

D.P. – Mas ela apoia a Social Watch Internacional? Ou não?

C.G. – Ela apoia a Social Watch Internacional, mas...

D.P. – Então, o Roberto Bissio, não sei se ouviram falar, se surgiu aí esse nome, que...

C.G. – Mas apoia lá por Washington... Por Nova Iorque [*corrigindo-se*].

D.P. – São várias ONGs internacionais que criam uma rede que se reúne frequentemente...

L.L. – Porque a Ford tem isso. Determinados projetos, é financiamento da matriz, vai direto, não passa pelo escritório brasileiro.

C.G. – O [INAUDÍVEL] Internacional passa a ser na matriz.

D.P. – Certamente, a Ford Internacional...

C.G. – É como esse da Globalização Financeira, que é um projeto recente, é decidido lá, e não aqui. Esse que a gente está...

D.P. – Mas, certamente, o Social Watch recebe dinheiro da Fundação Ford Internacional.

C.G. – Recebe. Mas era sobretudo a Novib, de novo, uma rede de parceiros e... E é claro que, o Fórum, o Ibase emprestou muito, mais que a Abong, mais que os outros, para essa dimensão

internacional para o Fórum, porque o Ibase mobiliza a rede. O Ibase já tinha a plataforma dele de vários anos que trazia gente; o Ibase tinha relações com várias redes; tinha o nosso programa, bom, que era do Social Watch, era de... Várias coisas assim. Nós já tínhamos criado o Euralat nessa época já, a rede...

D.P. – As outras redes. Porque essas entidades... O Ibase, no caso, tem várias redes internacionais, dependendo do tema, redes temáticas, digamos assim, que se encontram frequentemente. Elas são pouco institucionalizadas, mas elas têm um certo nível. Não têm sede, exatamente, mas têm...

C.G. – E, nos anos 90, se armou uma grande rede que se chamava Agricultura e Democracia na América Latina, que é o Chico daí que assume um papel muito importante, e pegava... na América, nas Américas... Não era América Latina, porque pegava do Canadá até aqui a Argentina; eram todos os países.

D.P. – O Chico Menezes, que é diretor do Ibase.

C.G. – Chico Menezes. Ele que assume, mas, na origem, eu estou. Inclusive, nós criamos isso no México e eu estou lá. Era o Ibase; a fundação francesa, a FPH (Fundação para o Progresso do Homem); e Cedal, da Henryane. Nós, juntos, que estimulamos a criação dessa rede, em 1992, eu acho, ou 1991, e ela durou até outro dia. Então, tinha muita coisa já, mas a verdade é que o Fórum abre para outras gentes, porque daí ele... Ele passa a ser... a atrair mais do que a gente esperava. Ele explode, vamos dizer assim. Mas os primeiros... O primeiro Fórum era muito... Quase parceiros que a gente mobilizou. E, é claro, eles arrastaram outros. Por isso a gente planejou para três mil e foram 20 mil. Estourou. Porque todo mundo arrastou. E o que acontece é que começa a... Os anos 90 são anos meio de... Anos 90 até o início de 2000 é o grande *boom* das entidades e ser ONG era do bem, e aí começa todo esse processo de criminalização, nos anos mais recentes. E é gozado que coincide com o governo petista, e que nada se faz. O Ibase é o primeiro a levantar a necessidade de a gente se diferenciar, não ser ONG, porque vira um nome genérico para... Desde clube de carta, pôquer de não sei de que, a entidades como a nossa. Então, tudo é ONG. Mas, na verdade, legalmente, não somos iguais, tem leis diferentes regulando, e foi criada, pelo Fernando Henrique, no contexto do

Comunidade Solidária, a Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), que é uma outra forma, e foi pelo Bresser que, na história de mudança do Estado, mudança da administração pública, criou as OS (Organizações Sociais), também, que são executoras de política, que ainda é outro... Vários eram órgãos de Estado que se transformaram em organizações também chamadas ONG. Vamos dizer, legalmente, uma é OS, outra é Oscip, e estamos nós, que somos associações sem fins lucrativos. Nós somos do Código Civil, que nos regula, enquanto que os outros têm leis específicas. E o Ibase não aceitou ser Oscip. Mas, enfim, a Abong tem o nome ONG, Associação Brasileira de ONGs, e o grupo é mais essas entidades de cidadania e direitos humanos. Aí o Ibase levanta a tese que não... O nome, desde 2003, a plataforma – você estava lá – é organização de cidadania ativa, e esse nome está, devagarinho, pegando, para a gente se diferenciar um pouco. Não que os outros não são legítimos, também existiam, não estou questionando, mas nós somos entidades que o interesse público, no sentido de interesse mais político, cidadão, está presente mais claro do que em muitas. Muitas... Vamos dizer, uma que faz um asilo, um abrigo, isso é legítimo, é necessário, mas é diferente; não é promover uma causa de cidadania. Na verdade, nós... Se olhar bem, a gente agrupa gente que cria isso, sem fins lucrativos, em função de uma agenda pública política. Então, a gente passou a adotar isso. Isso um pouco avançou quando a gente criou o GPN (Grupo Pedras Negras), de novo, com o apoio da Novib, mais uma vez. Aí entra a história de a Novib decidir sair, ou ter que sair do Brasil, por causa das coisas de recurso. Mas, ao mesmo tempo, ela se filiou à Oxfam Internacional, que é um processo que ela tentou transformar o Ibase em Oxfam Brasil...

D.P. – Isso é interessantíssimo, porque...

C.G. – É uma história toda... Porque a gente era o principal parceiro...

D.P. – É interessante. Quando a Novib vai sair, ela diz: “Então, virem Novib”.

C.G. – Mas eles fazem uma avaliação...

D.P. – Ela propõe ao Ibase virar uma entidade irmã, com esse nome: Ibase Novib.

C.G. – Ela deixa de ser... A Novib é Oxfam Novib.

D.P. – Ela também se junta à Oxfam, a Novib.

C.G. – E se junta à Oxfam.

D.P. – Inglesa.

C.G. – A Oxfam vem da Inglaterra. E tinha a Oxfam nos países que foram ex-colônias e todos meio viraram independentes, e daí criaram uma rede e incorporaram algumas que não eram confessionais. A Novib é uma. Mas não é só: tem aquela Solidariedade, da Bélgica; tem... Foram incorporando. E nessa emergência aí de novos países, a prioridade: México, Brasil, África do Sul e Índia. China, nunca falaram, nem Rússia. Mas eles, para serem mais internacionais, porque eles se chamam Oxfam Internacional... Eles não tinham nenhum do sul; só tinham antigas agências, e como eles assumiram um programa mais político, eles precisavam ter outros. E daí há uma caça, num certo sentido. Há uma cooptação. No México, eles encontraram uma entidade... Porque o México tem muita semelhança, a sociedade civil, as ONGs tipo nós, as organizações de cidadania ativa lá: o problema de financiamento. E daí criou-se uma entidade chamada Rostros y Voces, para buscar financiamento para apoiar as entidades internas, e eles aceitaram ser a Oxfam México, e hoje é Vamos, eu acho, o nome da entidade.

H.A. – E vocês não aceitaram?

C.G. – O Ibase... Coincide com o início do Fórum, essa cooptação. Até que, em 2003, essa diretora da Novib que deu o cheque lá para o Fórum, ela chega e diz: “Agora eu entendo por que o Ibase não pode ser” – lá em Porto Alegre que ela estava –, “porque vai parecer que a Oxfam está querendo controlar o Fórum”, por causa do papel do Ibase nessa história. E eu disse: “Bom, entre outras coisas”. Mas o problema maior é a identidade. É condição, para se incorporar, a gente deixar o nome Ibase e virar... Eu disse: “Olha, a legitimidade do Ibase... Não é que a gente não queira atuar no plano internacional, pelo contrário. A história do Ibase e a minha história no Ibase têm muito a ver com isso. Não é esse o problema. Mas o problema



é... Vocês não estão propondo de a gente ser parceiro; estão pedindo para a gente virar vocês, que é diferente”. Aí foi um debate que seguiu no Ibase. Depois tentaram então... quem sabe o Ibase faz e criam juntos. Bom, depois dessa reunião, eu disse: “Olha, eu participo em qualquer coisa que vocês queiram, quando vocês têm eventos, mas eu vou como Ibase”. E aí passei a ir à assembleia deles e tal e, numa das assembleias, apareceu a pergunta, por que o Ibase não queria ser Oxfam, e daí eu disse: “Porque a gente combate a globalização e a gente não quer um modelo corporativo que vá incorporando entidades por aí. E vocês estão propondo isso. O Ibase não quer esse imperialismo social”. Foi uma gargalhada, e ficou por aí. Bom, e aí tinha acabado. Eu via eles, mas...

D.P. – A proposta tinha acabado.

C.G. – É, a proposta tinha acabado. Em 2007... Duas vezes ao ano, eu ia lá na Novib. Aí me chamam, a diretora diz: “Nós estamos com um problema, a Oxfam Brasil. Agora tem que implementar”. Eu disse: “Mas isso vai voltar de novo?”. “Não, não, o Ibase não. Não é o Ibase, mas queremos saber o que o Ibase nos aconselha a fazer”. Eu digo: “Nós estamos com um problema, porque vocês vão sair e outros estão saindo e várias entidades estão se instalando no Brasil e deixando de nos financiar. Vocês não querem nos apoiar para a gente discutir então, nós, um grupo, o grupo que criou a Abong, a gente pensar o que fazer para o futuro?”. Daí é o Grupo Pedras Negras [GPN], que é o nome do hotel.

D.P. – É um hotel que tem aqui, o Pedras Negras, e o Cândido teve essa ideia...

H.A. – Então, vocês deixaram de receber como Ibase, mas...

C.G. – Não. A gente continua recebendo, mas a ideia era a gente pensar, e daí a gente começou a discutir se ainda tinha razão de existir esse tipo de entidade.

D.P. – Até para ficar claro... Foi uma ideia super bem bolada. “Já que vocês estão nos propondo essa discussão...” O que é que o Cândido disse? “Então, vamos fazer o seguinte, financia a gente, um pequeno grupo, eu vou convidar as pessoas e a gente passa a se reunir...”.

C.G. – E eu disse quem era. Alguns eram parceiros...

D.P. – “Duas vezes por ano para fazer seminários e pensar isto, no hotel.” Então, a Novib deu um dinheiro específico para esse GPN. Na realidade, não deixou de financiar. Ainda estava financiando o Ibase e dava um  $x$  para esse grupo...

C.G. – Adicional.

D.P. – Que era para discutir se o Ibase deveria ou não virar essa entidade, ou se mais alguém ali gostaria... Enfim... Aí foi um negócio superinteressante, porque você reuniu a fina flor das ONGs... Aí eu já comecei a participar disso. Foi o máximo, essa ideia.

C.G. – Foi só de diretores.

D.P. – Só iam diretores dessas entidades. Então, ia a Fase; o Inesc; SOS Corpo, de Pernambuco; Centro Luís Freire... As principais.

C.G. – E um grande debate sobre o nosso papel.

D.P. – Eram 12 entidades...

C.G. – A gente prevendo a crise.

D.P. – Que mais ou menos o Ibase escolheu, foi ao bel-prazer do Ibase. Deu até uma ciumada: por que uns e não outros. E, durante três dias, a gente ficava num hotel discutindo o futuro das ONGs, o financiamento etc. e tal.

C.G. – Como fazer.

D.P. – Então, é incrível isso. E a Novib bancando isso e pressionando: “E aí, não sai nada?”. Mais ou menos assim: “Qual é o resultado? Vocês vão virar Oxfam ou não vão?”. Porque a pressão continuou pesada. Isso durou três ou quatro anos. Mais, não é? Desde...

C.G. – Três anos e meio.

D.P. – Três anos e meio. E a decisão é: não virar.

C.G. – Nós decidimos não virar. E aí, bom, a crise se abateu pior do que a gente previa. A gente estava, na verdade, antevendo a crise...

D.P. – E a Novib sai do Brasil, mesmo. Aí saiu mesmo.

C.G. – E como substituir a questão da autonomia que nos davam. Há um momento tenso nessa discussão, quando a gente daí decide que nós, como um grupo, ninguém ia assumir. Esse troço, depois até deu uma quebra nisso, mas que nós não íamos assumir e que eles resolvessem o problema entre eles. Porque a Oxfam Inglaterra não queria... Ela queria transformar o escritório dela em Oxfam Brasil, enquanto a Novib queria uma entidade brasileira que virasse a Oxfam. E daí eu digo: “Olha, essa briga é de vocês, se entendam lá. Isso aí a gente deixa de discutir no GPN; a gente passa a discutir nossas questões”. Mas eles bancaram. Aí entra a história com o Lula, o GPN e Lula. No Fórum Social 2009, o Ibase bancou, com alto risco... Porque, no Fórum, os presidentes não... Só vêm se convidados. Eles não são automaticamente presentes, os governantes em geral.

D.P. – A ideia do Fórum é que a sociedade civil é que organiza e participa.

C.G. – Mas só que, bem ou mal, eles vinham, porque alguém convidava.

D.P. – Tem que ser convidado.

C.G. – E daí criava uma atividade, por exemplo, com o Lula, bagunçava o Fórum. Ou com o Chávez. Porque nenhuma atividade outra acontecia. Esvaziava. Eu disse: “Não. Vamos criar a regra aqui. Tem que ser fora da programação e, é claro, mantendo... se alguém convidar”. Daí eu tentei convencer o conselho, a gente se unir vários a convidar. Não deu. Disseram: “Ah, se o Ibase quer convidar, convida”. Eu digo: “Mas vai bagunçar o Fórum de Belém. Eles vão

vir...”. Então, vou organizar um debate com o presidente. E apostei nisso. Cinco presidentes. E vieram cinco: o Lula; o Lugo; o Evo; o Chávez; e o Correa, do Equador. E aí fizemos à noite, lá em Belém. Nesse dia, para minha surpresa, me chega o Lula... Ele chegou para receber os outros. Ele veio um pouco antes. E ele me chama, assim: “Cândido, Cândido, uma coisa, eu soube que todas as ONGs estão começando a enfrentar uma crise séria”. Eu digo: “É, está feio o negócio”. “E eu estou lamentando porque meu governo não fez nada por vocês”. Eu digo: “Verdade também”. Porque, de fato, não tem uma política no Brasil organizada para esse tipo de entidade que fosse um apoio republicano que respeitasse a diversidade. Não tem. Ele disse: “Você não pode propor alguma coisa? Com a Abong, eu não consigo discutir porque eles dizem que, como eu não fiz nada, não querem nem discutir comigo. Mas você topa?”. Eu digo: “Olha, eu tenho um grupo, tenho o GPN, e nós estamos discutindo essas coisas. Eu posso apresentar para eles. Esse grupo é bem... Bom, estamos todos na Abong. Somos da Abong”. Aliás, três das entidades eram da diretoria da Abong, os que vinham no grupo. Eu disse: “Mas é claro... E eu sei que, oficialmente, a Abong não quer discutir, mas no grupo a gente tem discutido e temos proposta – criar um fundo autônomo e tal. Podemos aprofundar”. Ih! Ele chamou o Dulci... “Vamos fazer aqui... Organiza um jantar para a gente discutir isso”.

D.P. – Dulci é o ministro-chefe da Casa Civil.

C.G. – É o ministro Dulci. “Organiza um jantar para a gente discutir essas ideias e tal porque, antes de terminar o governo...”. Era 2009, em janeiro, e tinha dois anos, ainda. Já passou um ano de Dilma e não tem o tal do fundo, não é? É uma negociação complicada. Até a Dulce acompanhou bem isso. Porque eles nem sabiam como fazer. É claro que, no limite, tem uma lei a fazer, porque agora tem um grupo de trabalho instalado, em novembro, depois daquele decreto da... em dezembro, depois do decreto da Dilma parando tudo e revendo. A maioria das entidades que eles estão vendo são OS e Oscip. Nenhuma é no nosso...

D.P. – Campo, não é?

C.G. – No nosso campo. Mas nós estamos... É a mesma coisa.

D.P. – O nome... A pecha pegou.

C.G. – Hoje mesmo dá no jornal, 800 e tantos milhões desviados. E é tudo coisa criada por parlamentar ligado a ministro. Enfim, são as brechas da lei. E agora leva uma pecha todo mundo. Mas o que tem de financiamento hoje é um financiamento inadequado para a gente, porque o convênio não permite pagar salários. O apoio que nós tínhamos de fora é um apoio institucional.

D.P. – Porque esse é o drama.

C.G. – Então, ele mantém a entidade. E daí o que você ganha adicional, daí tudo bem, daí você consegue fazer projeto, mas tem...

D.P. – Porque é diferente da universidade e de tudo mais.

C.G. – Porque tem um orçamento, o orçamento federal.

D.P. – Porque você tem já o... Aqui a Fundação, todo mundo já tem o salário e, quando você faz os projetos, você ganha... Essas entidades todas não têm nada: não têm sede, não têm...

C.G. – Não tem um fundo de renda.

D.P. – Então, sem apoio institucional é difícil.

H.A. – Essa verba emergencial que a Nilcéa deu foi para quê?

D.P. – Para essa crise que a gente estava, violenta.

H.A. – Foi institucional então? Ou foi para algum programa?

C.G. – Foi. Mas a Ford, por exemplo, só pode dar para uma coisa, então, ela deu para o *site* do Ibase. Como era novo...

D.P. – Ela deu para o *site* do Ibase. O *site* já estava... bota lá: “Apoio da Ford”.

C.G. – Então, tem lá... E o Canal Ibase está... Então, “estamos apoiando isso”.

H.A. – Entendi.

C.G. – Entendeu? Porque ela não tem como...

D.P. – Mas o Ibase ainda tem financiamento da Ford para outros projetos.

C.G. – Mas essa ideia do fundo autônomo é um pouco baseada... Porque o GPN estudou daí as formas de financiamento fora, como é que é, o que não é e o que tinha, e daí tem o tal do *matching grant*, que é uma forma mais republicana: você define critérios, a entidade tem que respeitar, a transparência... Mas é proporcional, vamos dizer, um por um, ou um por dois. Se você tem um de... o governo entraria com um, ou com dois. Então, se uma tem cem mil, ganharia mais cem mil do governo, automaticamente, se respeitadas as condições. Quem tem um milhão, ganharia um milhão; quem tem cinco milhões, ganharia mais cinco. Seria o critério. E a ideia do fundo que nós propusemos era nessa base. “Mas de onde tira o dinheiro?” Eu digo: “Olha, uma das questões, para nós, complicada é que as estatais que vocês controlam, ninguém discute o que elas financiam. Só a Petrobras é 1,3 bilhão nos últimos quatro anos. Quem discutiu os critérios? A burocracia da Petrobras. Por que não usa parte desse dinheiro de forma mais transparente? O BNDES, o S do BNDES não consegue nem financiar nada, porque não sabe lidar com gente como nós; sabe lidar com empresa. Então, por que... O Banco do Brasil tem a fundação, que tem os critérios dela. Ninguém controla aquilo; é a diretoria do banco. Então, não é nada republicano, vamos dizer assim, tanto assim que serve a interesses os mais variados. E isso você não precisa lei para fazer; basta uma decisão e botar dinheiro.” Eu e a Dulce fomos lá no Luciano Coutinho e o Luciano disse: “Ah, 30 milhões...” A gente pedia 30, para iniciar o fundo, porque a Novib ofereceu, nessa ideia, sair do Brasil dando dois milhões... três milhões de euros... Quatro milhões de euros.

D.P. – Era para esse fundo.

C.G. – Mas eles... “Como é que a gente pode usar melhor?” Eu que dei o conselho. Eu digo: “Manda uma carta assim, vocês dão, se o governo brasileiro der três vezes esse valor. Condiciona isto”. Foi bom porque o governo passou a dizer: “Não, mas isso aí...”. Mas só que a Novib passou a exigir do governo mais formalidade nisso. E o governo não negocia com uma entidade assim, não é? E nós perdemos esses quatro milhões de euros. Primeiro, porque não se viabilizou aqui... Mas o Luciano... Daí a gente marcou esse troço de 30, porque era o equivalente que devia entrar. Dava uns 12 ou 11, aquele dinheiro da Novib. E o Luciano daí nos diz assim: “Mas isso aqui é troco, no banco. A ideia é muito boa. Temos que pensar em 300 milhões”. Mas não conseguimos viabilizar os 30 até hoje.

D.P. – Segundo ele, não tinha mecanismo para fazer isso.

C.G. – Mas a Ford ficou extremamente interessada nisso, porque tem relação com ela. Nós escolhemos... A gente disse assim: “Mas como é que a gente faz para ser autônomo?”. Fundação Brasil de Direitos Humanos, que já existe com essa finalidade. Daí fomos e examinamos o estatuto. E eles já mudaram o estatuto lá para poder criar esse fundo.

D.P. – Para poder receber esse fundo, abrigar esse outro fundo.

C.G. – E a gente fortalece uma coisa que já é uma iniciativa... A Ford se interessou muito. Ela disse: “Bom, nós podemos até apoiar mais”. Vê, as coisas com a Ford **são** bem assim, não é? Mas é uma pena não se viabilizar isso. É uma pena.

L.L. – Eles têm uma experiência – aí é a tal coisa, é da cultura norte-americana mesmo –, no sentido de inovação...

C.G. – *Endowment*.

L.L. – De *endowment*. Eles sustentam. A gente sabe de projetos, mas têm algumas atividades que eles consideraram relevantes etc. que eles financiam tudo, todos, institucional...

C.G. – Quando a entidade é pequena.

L.L. – Isso. Ou o projeto...

C.G. – Ou o projeto se identifica com a entidade.

L.L. – E aí, normalmente, até dez anos. A ideia é assim: em dez anos, a instituição deve ter aprendido a andar por conta própria, aí eles começam a sair. Isso que a gente se assusta. Mas é isso, é uma coisa... Deram *endowment* para o Cebrap. O número de instituições que chegam numa crise... Eles percebem e vão lá e dão o dinheiro. E tem uma outra coisa que você estava comentando: não sei agora, mas o antigo representante da Ford tinha, por exemplo, algum recurso. Eu acho que entre 25 mil e cem mil dólares, ele podia dar, *cash*, sem consultar ninguém.

C.G. – Sem consultar.

D.P. – É isso.

L.L. – Então, precisa de uma coisa, ele ia lá...

C.G. – Esse eu sabia.

L.L. – Se passar, aí tem que ter... Então, vamos dizer assim, tem uma coisa... Vários deles comentam assim: a Ford é uma instituição que confia nas suas direções, ela aposta na pessoa. Com risco também. Se a pessoa, por sua vez, apostar em um parceiro errado... Tira... Quer dizer, a prova... A sua competência vai ser avaliada pela qualidade dos parceiros que você está arrumando. Isso é muito interessante, não é? Olha, eu acho... Eu, agradecer. Não sei se você tem mais alguma coisa a dizer.

C.G. – Não. Já falei muito. [riso] Até demais.

L.L. – E a gente... Agradecer muito. E é uma aula de história brasileira que a gente vai tentar aproveitar. Obrigado.



[FIM DO DEPOIMENTO]